

Stadium

N.º 266

Preço: 2\$50

enses-Sporting —
pressão dos jogado-
um golpe decisivo!



Decepção belenense! O Sporting marcou a 2.ª bola...

Fotos NUNES DE ALMEIDA



Belenenses continua invencível

A competição atinge o seu ponto culminante! — Sporting de Braga obriga os outros a olhar para ele...

Crónica de TAVARES DA SILVA

A competição vinha a aquecer de domingo para domingo. Cada vez mais intensa e mais intenso o entusiasmo.

Pois bem! A Prova atingiu, neste período, a sua fase culminante. A 8.ª jornada deu nas vistas, e as suas características aguçam singularmente a expectativa.

Os 3 Grandes de Lisboa reforçam a sua posição, deixando os outros concorrentes para trás. Alguns deles muito atrasados... Não será ousado afirmar, desde já, que, da discussão entre os 3, sairá o campeão. E esta luta directa vai prolongar-se durante muito tempo — tanto quanto durar a competição. Foram apurados os seguintes resultados:

Belenenses . 3 — Sporting ... 2
Benfica.... 5 — Atlético.... 2
Boavista... 2 — Vitória G.... 2
Académica.. 2 — Lusitano... 1
Setúbal.... 3 — Porto..... 2
Olanhense.. 2 — Elvas..... 2
Sport. Braga 5 — Estoril..... 2

Nenhum clube perdeu no seu campo! Boavista e Olanhense consentiram empates, e o ponto que cada um deles perdeu faz-lhes muita falta. Quando dois grupos empatam, sendo de valor sensivelmente igual, o visitante pode sentir-se orgulhoso...

As notas dominantes da jornada no campo dos resultados são as seguintes:

- 1.ª derrota do Sporting, às mãos do Belenenses;
- 1.ª vitória da Académica, tendo sido o Lusitano a vítima;
- um triunfo do Sporting de Braga que põe em foco a equipa;
- Progressos acentuados por parte do Benfica, cujo onze torna-se mais forte e aperta os seus laços;
- leve subida da Vitória de Setúbal;
- confirmação do mérito já revelado por duas equipas, a de Elvas e a de Guimarães.

Marcaram-se 35 bolas (média 5 por encontro), mas os resulta-

dos apresentam-se nivelados: 2 empates, 3 vitórias à tangente, e 2 pela diferença de três bolas. Caso curioso, a maior diferença verificou-se em desafios que, em teoria, eram equilibrados. A surpresa situou-se em Braga — onde o Estoril baqueou de forma absolutamente inesperada. Para bom juízo, veja-se a Tabela que publicamos.

Belenenses e Sporting não disputaram uma partida famosa! Era licito exigir um pouco mais de ambas as equipas, e, vamos lá, os *leões* têm mais desculpas — dadas as amputações verificadas.

O caso é que, nas Salésias, se desenvolveu muito futebol confuso, com os jogadores a tropeçarem uns nos outros e a bola mal dirigida. Foram poucas as vezes em que a bola foi depositada na relva, e os lances se sucederam com precisão. Peço contrário, quase sempre os *movimentos* perderam-se em passagens para o adversário ou na marcação de livres.

Nós, que temos seguido com atenção as duas equipas, assinando os progressos de conjunto por parte do Belenenses, mais uma vez temos a dizer que, em futebol, um grupo depende do que faz o outro grupo...

Vimos, então, os elementos da defesa de Belem, embora jogando à altura da sua reputação, não obedecerem à orientação que elimina a jogada de acaso ou de desespero — e tentarem simplesmente afastar o perigo! Significa isto que o propósito belenense ainda não foi atingido por completo.

Quem quiser discordar ou combater o resultado — tem pano para mangas. O primeiro argumento encontra-se na arbitragem, nitidamente inferior, e mais prejudicial para o Sporting — arranjando o *penalty* na altura melindrosa, e por lance igual a tantíssimos outros lances que se verificaram

no encontro. E deixando a arbitragem em paz, porque não lhe queremos fazer guerra, visto o principal culpado ser a Comissão Central que nomeia homens para os encontros sem pesar suficientemente os prós e os contras, ainda se podia recorrer às lesões, sempre atenuantes, mesmo que próprias da luta física ou de jogo. Ora, o Sporting sofreu amputações que lhe diminuíram sensivelmente o poder e a potência. Parece-nos, portanto, que o Belenenses foi afortunado. Acrescentaremos: — o resultado aceita-se.

E aceita-se — podendo ter sido outro. Os números podiam, na verdade, castigar mais os *leões*, porque os belenenses fizeram jogo na primeira metade para vencer folgadoamente. Mas a sua linha avançada não é perita na marcação de bolas, e os sportingues mudaram no começo do segundo tempo a derrota em vitória — apesar de terem alguns homens tropeços.

Precisamente nessa altura é que o árbitro influiu na partida, como já referimos, e o Belenenses veio novamente ao de cima. Quere dizer, o Sporting também teve a vitória à vista — acabando por ser batido com as honras que merecem os grandes do jogo.

Belenenses — Sério, Vasco, Feliciano e Serafim, Amaro e Figueiredo, Rocha, Quaresma, Teixeira da Silva, Duarte e Narciso.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques e Juvenal, Canário e Barrosa, Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

Árbitro — João dos Santos Júnior, de Lisboa.

Marcadores: Do Belenenses — Teixeira da Silva (2) e Feliciano, de grande penalidade. Do Sporting — Vasques e Barrosa. Ao intervalo: 1 a 0 a favor do Belenenses.

Tivemos no Campo Grande mais um frisante exemplo de encontro com duas caras. No primeiro tempo, o Atlético pôs no terreno da luta todas as suas energias e recursos e conseguiu o domínio territorial, ainda que sem intensidade — visto os benfiquenses responderem a todas as arremetidas.

Na feição de golpes por alto, à força de vontade, o desafio deu a toada de equilíbrio. Na luta travada entre os atacantes e os defensores, estes levaram vantagem sobre aqueles — que não podiam desenvolver passagens precisas e colocadas.

No segundo tempo — o aspecto da partida transformou-se. O Benfica, pela sua própria inspiração, e por sentir as forças do adversário abaladas, caiu a fundo e depositando a bola no solo — desenhou figuras do mais belo efeito.

Também excelentes no ponto de vista prático...

Os benficas puséram-se em vencedores, e nunca mais deixaram o adversário deitar a cabeça de fora. Deste modo, o seu jogo de ataque recaiu sobre a defesa do Atlético — especialmente sobre Correia, o qual averbou no seu activo uma bela exibição.

Por se tratar de um rapaz que nem sempre tem conseguido trabalho valioso, merecendo algumas vezes ásperas censuras, deve destacar-se a brilhante prova de Vitor Baptista.

Benfica — Rogério, Jacinto, Cerqueira e Fernandes, Moreira e Horácio, Espírito Santo, Arsenio, Júlio, Melão e Baptista.

Atlético — Correia, Lopes, Armando e Rosário, Pereira e Morais, Martinho, Armando Carneiro, Vital, Gregório e Rogério Simões.

Árbitro — Henrique Borques Leal, de Lisboa.

Marcadores — do Benfica: Espírito Santo (3), Júlio e Baptista. do Atlético: Armando Carneiro e Vital. Ao intervalo — 1 a 1.

As condições em que se travou a luta Boavista-Vitória de Guimarães foram detestáveis. O vento e a chuva transformaram o campo em lodaçal — tornando o desafio muito difícil.

Além de tudo, porque uns e outros serviram-se do passe rasteiro e curto para progredirem — vendo-se batidos não só pelo adversário como pelo terreno, também um inimigo.

Principalmente o Boavista que, desta forma — facilitou o trabalho da defesa de Guimarães, pesada e em terreno propício à utilização do corpo. Pode dizer-se que o boavistas fizeram tudo para perder: a juntar à sua má orientação, e falta de desperdício de um *penalty* e falta de prudência no final do encontro.

O *team* de Guimarães viu-se na dura necessidade de defender mais do que atacar, mas, quando atacou — fê-lo perigosamente. E ao defender-se, esteve magnífico de entusiasmo e coragem. A equipa mostrou-se resoluta e confiada nos seus recursos. Sobou buscar a sorte — que lhe sorriu.

Boavista — Santiago, Fernando e Raimundo, Garcia, Serafim e Ramos, Zeca, Armando, António Caiado, Fernando Caiado e Ramos.

Guimarães — Machado, Curado e Costa, Luciano, Garcia e José Maria, Franklim, Miguel, Bristos Alcino e Teixeira.

Árbitro — Mário Ribeiro Sanches, de Lisboa.

Marcadores — Do Boavista: Serafim e F. Caiado. De Guimarães: Franklim e Alcino. Ao intervalo — 2 a 1 a favor do Boavista.

Não atingiu o encontro disputado em Coimbra, entre a Académica e o Lusitano, grande nível. Soprava um vento forte — prejudicando o desenvolvimento de lances.

Mas os jogadores de um e outro lado não se pouparam a esforços para exercerem domínio, conseguindo o triunfo. De modo, a partida teve características de equilíbrio.

Deu-se um facto muito curioso: o Lusitano melhorado ao jogar contra o vento, apresentando

Tabela de pontos

	CASA				FORA				TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting.....	8	4	—	—	14-5	3	—	1	10-6	7	—	1	24-11	14
Belenenses.....	7	3	—	—	12-3	3	1	—	8-1	6	1	—	20-4	13
Benfica.....	8	4	—	—	20-4	2	1	1	13-8	6	1	1	33-12	13
Estoril.....	8	4	—	—	22-9	1	1	2	8-10	5	1	2	30-19	11
F. C. Porto.....	8	3	—	1	18-6	2	—	2	9-7	5	—	3	27-13	10
Atlético.....	8	2	1	1	17-11	1	—	3	11-16	3	1	4	28-27	7
Elvas.....	8	3	—	1	16-2	—	1	3	6-19	3	1	4	22-21	7
Vitória (G).....	8	2	1	1	8-6	—	1	3	6-14	2	2	4	14-20	6
Lusitano.....	8	2	1	1	7-9	—	1	3	2-15	2	2	4	9-24	6
Vitória (S).....	7	1	1	2	4-8	1	—	2	5-5	1	2	3	13-23	5
Braga.....	8	2	—	2	8-9	—	1	3	5-12	2	1	3	13-21	5
Olanhense.....	8	1	2	1	5-5	—	1	3	11-23	1	3	4	16-28	5
Boavista.....	8	1	1	2	8-11	1	—	3	2-12	2	1	5	10-23	5
Académica.....	8	1	1	2	6-12	—	—	4	4-17	—	1	6	10-29	3

nessa altura, mesmo, o seu melhor futebol.

A Académica passou um mau bocado nessa segunda parte — quando o Lusitano igualou. Teve, então, de se aplicar a fundo e, num esforço persistente, saiu vencedora. Mas, deve dizer-se; o seu adversário desenvolveu interessantes desenhos, de boa ordenação e excelente posição no terreno por parte das suas unidades.

Académica Tito, Alentisca e Brás, Eduardo Santos, Diogo, Azeredo, Melo, Pacheco Nobre, Ataz, Leite e Bentes.

Lusitano — Balbino, Mortágua e Caldeira, Camarada, Madeira e Branquinho, Almeida, Sabino, Angelino, Calvínio e Germano.

Árbitro — Cunha Pinto, de Setúbal.

Marcadores, Da Académica: Pacheco (de grande penalidade) e Azeredo. Do Lusitano: Germano. Ao intervalo — 1 a 0 a favor do Lusitano.

Parece-nos muito curioso o que se passou no campo dos Arcos! O arranço inicial dos portuenses foi excelente, e os dois polos dentro do primeiro quarto traduzem a sua vincada superioridade. Os portuenses, com elementos bem postados em campo, imprimiam à partida um ritmo particularmente veloz.

Pela sua parte, os setubalenses não desanimaram — e o seu esforço teve grandesa. Foi um belo espectáculo! Aos poucos — o grupo subiu. Primeiro, contendo, parando o ímpeto do adversário; depois, dominando e procurando os golos — como quem anda com muita sede...

O Porto desnordeou-se um pouco, e teve de se confinar nos domínios da defesa. Quando recomeçou, após o intervalo, viu-se novamente um Porto decidido a mostrar a sua superioridade técnica e a aplicar os seus conhecimentos. Mas também isto não durou muito! Os setubalenses ainda tinham forças suficientes para darem a réplica, virando o bico ao prego. Então, um esforço pleno de energia, chegaram ao empate — e o triunfo não passou de uma consequência. O desafio valeu como afirmação de que a força de vontade, energia, coragem e entusiasmo também servem para vencer. Tenha-se em vista como julgamos, a falta de titulares na equipa do Porto.

Setúbal — Baptista, Montez e Figueiredo, Ameixa, Pina e Primo, Rosário, Rendas, Armando, Cardoso Pereira e Quim.

Porto — Barrigans, Alfredo e Guilhar, Joaquim, Carrico e Carvalho, Sanfins, Freitas, Correia Dias, Gastão e Ferreira.

Árbitro — Carlos Canuto, de Lisboa.

Marcadores — De Setúbal: Rendas e Armando (2). Do Porto: Ferreira e Sanfins. Ao intervalo — 2 a 1 a favor do Porto.

Dava a equipa olhanense mostras de querer subir, e, afinal, o desafio contra Elvas — faz com que o onze desça novamente um pouco. Não é o desfecho da partida que o condena, mas o futebol desenvolvido.

Os algarvios raramente se entenderam (a falta de Cabrita faz-se sentir!), e os seus lances de

Segunda Divisão

As duas últimas jornadas do campeonato nacional da segunda divisão:

Sanjoanense..	4	—	Vianense	...	0
Académico ..	2	—	Salgueiros	...	2
Oliveirense ..	2	—	Famalicao	...	0
Leixões.....	3	—	Vila Real	...	2
S. L. C. Branco	1	—	Ferrovários	...	1
U. Coimbra ..	6	—	L. Santarém..	1	
S. L. Viseu... 2	—	Naval	2	
G. Alcobaca.. 1	—	S. C. Covilhã..	2		
Onze Unidos.. 3	—	Operário	2	
Barreirense .. 3	—	F. Benfica	...	0	
Casa Pia..... 2	—	Oriental	5	
«Cuf» Barreiro	3	—	Luso	0
Portalegrense.	5	—	Boa Esperança	1	
U. Montemor.. 4	—	Lusi. Évora..	1		
Portimonense.	1	—	G. D. Beja...	1	
Campomaiorense	1	—	Moura.....	2	

Nos encontros de quinta-feira já

ataques estiveram longe de ser organizados e precisos. Dificilmente, de resto, podiam ter essas características, porque a linha medular, além de colocar-se mal, não conseguiu fazer serviços capazes.

Desta maneira, a extrema defesa ficou muito exposta — tendo um trabalho valioso. Porque os atacantes elvenses, activos, tiveram nos seus médios um apoio eficaz.

Assim se explica que o Olhanense tenha deixado escapar um triunfo que parecia assegurado — ao conseguir o grupo 2-0. Mas o Elvas não desanimou, lutando sempre com fibra, e insistindo nas ofensivas — até marcar uma bola e chegar ao empate. No segundo tempo, os elvenses exerceram domínio territorial e pertenceram-lhe as melhores jogadas.

Olhanense — Szabo, Eminência, Grazina e Acácio, Januário e Cirilo, Moreira, Salvador, Soares, Joaquim Paulo e Carmo.

Elvas — Semedo, Galinho, Neves e Casimiro, Rebelo e Sousa, Vieira, Massano, Patalino, Augusto e Angelo.

Árbitro — Domingos Godinho, de Lisboa.

Marcadores — Do Olhanense: Salvador e Joaquim Paulo. Do Elvas: Vieira e Angelo. Ao intervalo: 2 a 1 a favor do Olhanense.

Eis uma partida que deixou história em Braga. Desafio vivo, rápido, de uma animação fantástica, com jogo repartido nos dois campos.

O Estoril inferiorizou-se! O mesmo podia acontecer a qualquer equipa, porque o Sporting de Braga aplicou-se com velocidade, e os seus elementos mais hábeis traçaram esquemas de verdadeiro futebol.

Por outro lado, a linha média acompanhou excelentemente esse ataque, constituindo por vezes uma segunda força de ataque.

Os rapazes do Estoril desorganizaram-se, como é de calcular, e as suas ligações não se desenvolviam com a precisão costumada. No entanto, após os bracarenses chegarem a 2-0 ainda conseguiram o empate — desenvolvendo então, os seus lances mais perfeitos.

O desanimo não invadiu o Sporting de Braga — o que revela excelente moral. Assim o prova a

se verificaram resultados interessantes.

Agora os de domingo último:

Vianense ...	5	—	Salgueiros	...	4
Académico ...	2	—	Famalicao	...	2
Oliveirense ..	6	—	Vila Real	...	0
Sanjoanense..	1	—	Leixões	1
Ferrovários ..	0	—	L. Santarém..	3	
U. Coimbra ..	5	—	Naval	1
S. L. Viseu... 2	—	S. C. Covilhã..	5		
S. L. B. Branco	4	—	G. Alcobaca..	0	
Operário	1	—	F. Benfica	1
Barreirense ..	3	—	Oriental	2
Casa Pia.....	1	—	Luso	1
Onze Unidos..	0	—	«Cuf» Barreiro	0	
Portalegrense.	5	—	Lusi. Évora..	1	
U. Montemor..	0	—	G. D. Beja...	1	
Portimonense.	3	—	Moura.....	0	
Boa Esperança	2	—	Campomaiorense	3	

2.ª parte, ainda mais dinâmica que a primeira. Os bracarenses tornaram-se senhores do terreno e ganharam bem.

Sporting de Braga — Salvador, Palmeiro e Sobral, Joaquim, Daniel e António Marques, Nelo, Elói, Cassiano, Diamantino e Frederico.

Estoril — Larangeira, Pereira e Elói, Oliveira, Nunes e Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Árbitro — Domingos Miranda, do Porto.

Marcadores — De Braga: Cassiano, Diamantino (2), Elói e Nelo. Do Estoril: Mota (2). Ao intervalo — empate a duas bolas.

No dia 1 de Janeiro disputou-se a 7.ª jornada — já um pouco no esquecimento. Resultados apurados:

Sporting ...	3	—	Sport. Braga	2	
Atlético ...	1	—	Belenenses..	1	
Lusitano ...	2	—	Benfica	7
Elvas.....	5	—	Boavista	0
Estoril	3	—	Olhanense..	1	
Porto	7	—	Académica..	1	
Guimarães..	3	—	Setúbal.....	1	

A próxima jornada é constituída pelos seguintes encontros: Boavista-Olhanense, Elvas-Braga, Estoril-Belenenses, Sporting-Benfica, Atlético-Académica, Lusitano-Vitória de Setúbal e Vitória de Guimarães-Porto.

No dia de Ano Novo, produziu-se a primeira derrota do Sport Clube de Vila Real. Por 5-2, contra o Leixões. Domingo findo, os transmontanos perderam novamente, agora por um número bem expressivo: 6-0. Que dizer disto? Que os vilarealenses estão a sentir um desgaste fatal para as suas aspirações?

A nota de sensação foi-nos dada, no Norte, pelo empate do Académico: — Primeiro contra o Salgueiros, depois contra o Famalicao. Ora os alvi-negros do Porto estão a jogar com o seu «team» de «Reservas», por via de um castigo aplicado ao grupo de honra!

O Leixões, depois de vencer os transmontanos, cedeu um empate ao Sanjoanense, enquanto o grupo de Viana do Castelo conseguiu 5-4 na frente do Salgueiros.

O torneio da segunda divisão, agora no princípio da segunda volta, parece inclinar-se para um equilíbrio que não deixa de o valorizar. Embora algumas equipas tenham ganho ascendência, na primeira parte da prova, vê-se que nem todas podem considerar-se garantidas com os primeiros lugares das suas zonas.

Há vários exemplos: no domingo, o Barreirense subjugou o Oriental, tirando-lhe o lugar na vanguarda. O Onze Unidos, que empatou 0-0 com o Desportivo da «Cuf» do Barreiro, também parece incapaz de bater o pé ao clube rival e da mesma terra. Parecendo capaz de fazer boa figura, apresentara-se o Ginásio de Alcobaca. No domingo perdeu expressivamente em Castelo Branco, quando dias antes resistira o mais valorosamente possível ao Sporting da Covilhã.

Já o Sport Lisboa e Viseu, que marchava no torneio sem um único ponto, conseguiu entrar com o pé direito o ano novo, empatando com a Naval 1.º de Maio. Perdeu a seguir com o Sporting da Covilhã, mas isso estaria mais ou menos previsto. O adversário é nitidamente mais forte.

Na zona Alentejo-Algarve continua em boa situação o Portimonense. Empatou com o Beja mas ganhou ao Atlético de Moura, por 5-0, na última jornada, prova de superioridade que o pode levar a boa posição. A carreira do Portalegrense também parece digna de ser louvada. Ganhou ao Lusitano e ao Boa Esperança, e a ambos por 5-1.

O que é facto indiscutível é a boa marcha da prova. Algumas coisas se podem prever na próxima jornada...

assinem a STADIUM

Album dos Jogadores

A nova separata começa hoje a publicar-se

F. Ferreira e A. Bentes

Em cada número — 2 fotos de jogadores de futebol

Pedidos a "Stadium"

Rua da Rosa, 252-1.º — Telefone 31187

O PONTA DELGADA de FALL RIVERS exibe o melhor futebol dos Estados Unidos



O conjunto do Praga Futebol Clube, formado por tchecos, é um dos grupos mais categorizados dos Estados Unidos da América do Norte

ESTA terceira entrevista com Francisco Silva vamos tratar de futebol. Não do futebol — americano claro, mas do *futebol-association* que nos Estados Unidos não tem tanta popularidade como o pugilismo, como o atletismo, como a natação ou o tenis.

Chega a perguntar-se por cá: — mas na América há futebol? Na verdade, segundo Francisco Silva, que amavelmente nos tem informado, o futebol nos Estados Unidos da América do Norte não foge da vulgaridade. E de tal modo, que uma boa equipa de «reservas» dos nossos melhores clubes seria muito capaz de ganhar aos mais bem classificados!

Na América, entretanto, há muitos clubes que praticam futebol: 10 na Liga Americana, 10 na Liga Americana — Alemã, 13 na 1.ª Divisão, 12 na Liga Nacional e 11 na Liga Distrital. Nestas Ligas, várias equipas são representadas por nacionais de países diferentes. Na Liga Americana — há o Hispano; na Liga Americana — Alemã, há o German-Hung; na 1.ª Divisão — o Swiss e German-Amerks; na Liga Nacional o Praga, o N. I. Hungarians, o Gallica, o Hal-Amerks... E por aí fora.

— E entre os portugueses? — Também há uma excelente equipa: — o Ponta Delgada de Fall-Rivel, Massachusetts, um belo campeão amador. Tem extraordinária popularidade, e é considerado um dos grupos mais fortes da América.

Feita esta pergunta, volta-

mos ao princípio. Voltamos a dizer que o futebol, na América, tem aspectos curiosos, mesmo inéditos. Francisco Silva, de uma vez, conduzido por António Calado, foi até, um campo, onde as acomodações não eram muitas, disposto a ver um jogo que se anunciava importante. Já dentro do terreno, só ouvia falar espanhol, francês e... português! Foi a sua grande surpresa. Mais: — a certa altura, após jogada, ouviu dizer a seu lado, em espanhol:

— Parecia mesmo Passarin! Este espectador fazia parte do grupo de saudosistas do futebol europeu. Passarin, o grande defesa de há épocas era recordado bem longe, por um compatriota, e talvez Francisco Silva tivesse dito também a António Calado:

— Olha o remate no estilo de Peyroteo...

Os americanos vão ver futebol, evidentemente. Mas não o compreendem como na Europa. Não vibram. Também se joga no estilo de «meia bola e força». Sem técnica, sem colocação.

— No intervalo — diz-nos Francisco Silva, — o clube proprietário manda para o campo duas bolas, uma para cada lado. E quem quiser, vai para o terreno dar pontapés no esférico. Todos procuram demonstrar a sua habilidade e, o que se passa chega a ser comico...

Estas afirmações podem surpreender os amadores portugueses. Mas correspondem à verdade, trazida por um desportista com as responsabili-

dades de Francisco Silva. Há uns tempos, deslocou-se o Liverpool, da 1.ª Liga Inglesa, para a América. Exibiu-se por lá, em diversos Estados, aplicando sempre graves derrotas aos adversários. O resultado mais difícil, — apenas uma bola de vantagem, foi feito contra o Ponta Delgada, grupo português. Era altura de perguntar a Francisco Silva.

— Vtu jogar o «nosso grupo?»

— Não. Mas os americanos amadores do futebol faziam-lhe as melhores referências. Os jornais dos Estados Unidos publicaram até recentemente uma notícia de que os portugueses se «chavam» dignado aceitar um encontro com o «German — Amerks, o que prova a sua popularidade. E é amador.

— E que novidades nos traz mais sobre o futebol?

— Outra bem interessante. Na América, em New York, pelo menos, os grupos podem substituir jogadores em qualquer altura. Quantos quiserem. Sucede, até, que há grupos profissionais ricos que podem ganhar os jogos por falta de recursos dos adversários.

— Essa agora!

tar junto do guarda-rede de uma das equipas, o que é fácil em qualquer campo. Viu-o mal colocado algumas vezes e permiti-me dar-lhe instruções — que ele aceitou com muito agrado, adivinhando talvez que se tratava de um europeu habituado a ver futebol de alta categoria. No entanto não esteve para fantasias... e continuou a jogar no seu estilo.

— Não se aproveitariam bons jogadores, por lá...

— Isso talvez. Os americanos dizem que o futebol não vence por falta de propaganda nos jornais. Na América, o reclame é tudo... Estou convencido de que, com boa propaganda, bons técnicos e campos capazes, jogariam brevemente como os europeus ou os sul-americanos.

— Se fôsse um clube português à América do Norte?

— Seria apreciadíssimo. E ganhava dinheiro, com certeza. Se os americanos vissem muitas vezes bons jogos, talvez se entusiasmassem. E do que não seriam capazes? Assim, o nosso mais popular jôgo é apenas apreciado pelos saudosistas, emigrados que nos falam por lá no futebol de Espanha, da Inglaterra, Fran-



Embora o futebol não tenha classe, nos E. U. da A. do Norte, registam-se fases interessantíssimas. Vejamos, por exemplo, como um defesa alivia o seu campo...

— Assim mesmo. Li a crítica a certo jogo num jornal americano, cujo título era mais ou menos este: «O grupo xis ganhou por ter apresentado vinte e dois jogadores contra onze do adversário!»

— Mas havendo clubes profissionais, que pagam bem, não se compreende a falta de classe no futebol de tão categorizado país, não é verdade?

— Também me parece. O que lhe posso afirmar é que vi algumas das melhores equipas, em New York, e fiquei admirado com a sua falta de categoria. De uma vez pude até es-

ça, da Austria e também de Portugal. Diz-se que o Liverpool volta à América, e já os amigos de *association* preparam o dinheiro para a entrada... Nem que seja caro!

E mais nada por hoje. Pode qualquer clube português habilitar-se a uma viagem aos Estados Unidos da América do Norte. Segundo Francisco Silva, faria boa figura e por certo regressaria bem remunerado...

Continuaremos. Na próxima semana Francisco Silva pronunciar-se-á sobre o que! no gelo.

Rodrigues Teles



Na América, a despeito da fraca categoria do seu futebol, também há grupos de júniores. Eis uma equipa, americano-alemã-húngara: — German Hungarians Ameriks, concorrente ao campeonato respectivo



MACHADO
guarda-redes do Vitória
de Guimarães

As primeiras revelações da carreira desportiva

de MACHADO

guarda-redes do Vitória de Guimarães

Mas, coitado, não conseguiu nada, porquê a doença pegou.

E Machado prosseguiu, narrando: — Em 1936, «jogava» eu então no Cruz da Pedra F. C., cujo «parque de jogos» era na minha rua, quando um emissário de Alberto Augusto — que era ao tempo o treinador do Vitória — me perguntou se eu queria ir lá treinar.

— E você?...
— Disse imediatamente que sim! Era a possibilidade, que se me deparava, de deixar a «trapeira» por uma bola a sério. Foi Alberto Augusto perguntou-me qual era o meu lugar preferido, e eu, que nas brincadeiras de miúdos sempre jogava a guarda-redes — um termo que neste caso não tem propriedade, porque as redes eram simbólicas! — disse-lhe desejar todos menos o de guardião...

— Porquê? — interrompemos...
— Tinha a impressão de que nunca poderia vir a ter futuro nesse posto; por isso queria tentar outro. Mas o meu treinador é que não concordou comigo. Andei de Herodes para Pilatos, como costuma dizer-se, até que Alberto Augusto me disse que ia fazer de mim um guarda-redes...

— E fez...
— Parece que sim! A princípio, todos os que assistiam aos treinos o procuravam dissuadir da ideia. Parece que eu não mostrava grandes aptidões. Mas ele teimou... E logo nessa época me fez alinhar nos juniores. Nessa, e na seguinte.

— Quando jogou na categoria de Honra?
— Duas épocas depois. Dos juniores passei à reserva, onde fiz toda a época de 1938/39, e em 1939/40 alternei com o Rlecoa entre essa categoria e a principal.

— Fez algum jogo, dos considerados importantes, na época em que alternou?

— Sim, um! Foi no Porto, contra o União de Lamas, para disputar o direito de ingresso na I Divisão. Ganhamos por 6-4, e só na véspera do encontro eu soube que alinharia. Não calcula a minha aflição... Achei a responsabilidade demasiada para os meus ombros fracos. Entretanto, procurei cumprir, e creio que o consegui.

Um guarda-redes especializado em «penalys»

— Quando se fixou definitivamente na categoria principal?

— No desafio que constituiu a minha melhor recordação...

E Machado evoca:
— Foi nas Salésias, contra o «Benelense», naquele célebre encontro que ganhámos por 1-0. Não era eu quem estava convocado para o jogo, mas à última hora Alberto Augusto teclufu-me na equipa. Era tal o seu

estado de espírito, que não o escondeu, no combato, a um jornalista que nos acompanhava. Pela minha parte, confesso-lhe que também eu estava preocupado... Não só porque era a primeira vez que jogava em Lisboa, como pelo nome do adversário. Mas criei confiança em mim mesmo — que é a base dos meus triunfos — e parece-me que correspondi. Quando acabei o desafio, três minutos depois de ter defendido um «penalty» bem «shotado» por Feliciano, que o atirou para o melhor sítio — o canto superior — estava completamente exausto...

— Depois disso...
— Passei a guarda-redes efectivo da equipa. Parece-me que Alberto Augusto deve ter ficado satisfeito com a «ousadia de me fazer alinhar» — como ele lhe chamou...
— Não teve outros desafios de que guarde, também, boas recordações?
— Sim, alguns! — dis-nos Machado — Há um, contra o F. C. do Porto, no seu campo, que também



Machado gosta de cavaquear um pouco sobre futebol...

não poderei esquecer. Voltei a defender «penalys» — dessa vez dois — e qualquer deles em condições difíceis para mim. Sobre tudo, o segundo, apontado por Catolino a instâncias do público que via nele o grande marcador dessas penalidades do seu clube. O primeiro, fora rematado por Guilhar.

Não podemos deixar de anotar a tendência de Machado para defender grandes penalidades, e por isso lho dizemos.

— Sim! — responde-nos ele — tenho, de facto, relativa facilidade em executar essas defesas, mas creio que tal facto se deve, apenas, a que encaro o pontapé de grande penalidade com a calma que acho que o guarda-redes deve ter no desempenhos do

seu lugar. Já me chamaram «especialista» nessas defesas, mas não o sou. Executo-as, como executo todas: com a ideia firme de que é preciso evitar que o esférico toque as malhas.

A internacionalização não chega à província

— Procurámos outro «rumo», porque há mais curiosidades para desvendar. Queremos saber, por exemplo, se ainda não foi «tentado» para outro clube.

— Só uma vez! Foi há sete anos. Eu tinha vindo para Lisboa, a cumprir o serviço militar, e Alberto Augusto procurou que eu treinasse no Benfica, só para manter a forma. Assim se fez. E das minhas idas ao Campo Grande nasceu a «sondagem». Recusei, porém. Pouco tempo depois arranjei transferência para Viana do Castelo, onde acabei a «tropa» e voltei ao meu Vitória.

— Que faz para manter a forma?
— Ginástica, sobretudo saltos de barreira, de baixo da orientação do proficiente professor do meu clube, sr. dr. Moura Machado, e uma sessão de bola por semana.

Vamos dar a reportagem por finda. Machado regressa a Guimarães no dia seguinte, Manhã cedo, e nós não queremos cortar-lhe a possibilidade de descançar.

E' esta a nossa última pergunta:
— Gostaria de ser internacional?
— Se lhe dissesse que não, mentiria! Mas mentiria, também, se lhe afirmasse que conto com ela. Não tenho classe para poder envolver a camisola das cinco quinas, mas estou plenamente convencido de que ela não basta, no nosso país, para se chegar à internacionalização. E' preciso, pelo menos, ser-se dum clube lisboeta ou, ainda que nem sempre, do Porto. A Província não conta.

Fazemos-lhe notar o demasiado pessimismo da opinião, e reforçamos o nosso ponto de vista, citando-lhe nomes: Cabrita, Bentes, Patalino, etc. Mas Machado insiste:

— Sim, na época passada! Mas para o recente Portugal-França, que provas nos foram dadas de que a Selecção Nacional seria formada pelos melhores jogadores nacionais? Acaso chamaram aos treinos elementos que toda a gente, menos os seleccionadores, vê com possibilidades de triunfar? Veio Alvaro Pereira, ou Pires, ou Bentes, ou Curado? Não, meu caro senhor. Não haja ilusões. A internacionalização é uma aspiração legítima a todos os desportistas, mas que está vedada aos futebolistas da província.

Foram estas as últimas palavras de Machado, o guardião do Vitória, de Guimarães.

Rosa de Matos

Já na época finda, aquando das deslocações do Vitória, de Guimarães a Lisboa, a nossa atenção havia sido chamada para as actuações de Machado, um guarda-redes com «planta» para o espinhoso lugar que escolhera. Alto, de uma altura pouco vulgar entre os que desempenham o difícil posto, ágil e sereno, dotado de facilidade de reflexos e de sangue frio, possuidor de umas mãos «enormes» — daquelas que dão a certeza de que dificilmente largarão a bola, depois de segura, Machado confirmou o que nos haviam dito das suas qualidades.

Vimo-lo de novo na época actual, contra o Sporting, no Lumiar, e temos acompanhado a sua carreira, através das críticas feitas ao seu trabalho, unânimes em classificá-lo como o guarda-redes n.º 1 do Minho. A sua recente escolha, aliás, para o misto minhoto, que capitaneou também, confirmavam o que dele leramos. Nasceu de tudo isso o desejo de o ouvirmos, para que nos revelasse os pormenores da sua carreira, que queríamos dar ao mundo dos que o admiram. Por isso fizemos a reportagem, nascida num acolhedor quarto do hotel, às 9 da manhã — enquanto Machado procedia às suas abluções matinais, e encerrada à noite, a uma mesa do «Puchero» entre dois «quartos» de Castelo. Quase poderíamos chamar-lhe, portanto, «viagem à roda de três quartos»...

Alberto Augusto «fabrica» um guardião

— Onde nasceu? — foi a nossa primeira pergunta.

Machado completa a resposta com os dados biográficos:

— Abri os olhos para o mundo em Guimarães, no ano de 1919, e tenho o nome completo de António José Alves Machado...

Não podemos deixar de agradecer-lhe a amabilidade de nos poupar perguntas. Como começou?

— Praticamente, desde que me conheço, pois ainda me recordo bem dos constantes «caldaços» com que meu pai contrariava as minhas tendências para os «pontapés na borrachas»... E, aqui para nós que ninguém nos ouve: havia razão para isso, pois as botas viajavam constantemente a caminho do sapateiro.

O DESENVOLVIMENTO DO OQUEI SOBRE O GELO EM FRANÇA

Serviço de crónicas EXTINFOR
Artigo inédito de PIERRE LORME

DURANTE muito tempo, a prática do hóquei sobre gelo limitava-se, em França, a algumas estâncias de desportos de Inverno e às patinagens parisienses. Desde 1908 que apenas se vê figurar na lista dos campeonatos nacionais a equipa do Hockey Club de Chamonix e, umas vezes por outras, algumas equipas de Paris. A razão é simples. As patinagens ao ar livre estão localizadas em França nas estâncias. Quanto às patinagens artificiais, são raras e por vezes de dimensões insuficientes para permitirem o jogo do hóquei.

Mas, alguns anos depois da primeira guerra mundial, as novas técnicas de fabricacão do gelo modificaram inteiramente esta situação. Via-se em Paris imensas salas, tais como o Velódromo de Inverno ou o Palácio Saint-Didier, adaptarem instalações para pistas de gelo artificial. Do Outono à Primavera transformaram-se piscinas em patinagem. E, imediatamente, o hóquei sobre gelo viu o número dos seus praticantes aumentar em importantes proporções.

Foi em 1932 que um empresário audacioso, de origem americana, Jef Dickson, teve a ideia de dar ao Velódromo de Inverno, transformado nessa ocasião em «Palácio dos Desportos», espectáculos regulares de desportos de gelo. Para constituir a base das suas equipas de hóquei recorreu a canadianos reputados. Organizou encontros internacionais com as grandes equipas europeias. Exibia, na sua pista, os campeões mais reputados da patinagem artística e as patinadoras mais elegantes e mais graciosas; Sonia Heinle apresentou-se em Paris durante várias épocas.

Os esforços de Dickson foram coroados de êxito. Um numeroso público de «habituaes» acompanhou com interesse apaixonado, até 1939, as «soirées» do Palácio dos Desportos.

Vio a guerra. Jef Dickson, incorporado na aviação americana, morreu durante uma missão de serviço. O Palácio dos Desportos, requisitado pelo exército alemão de ocupação, viu as suas instalações desmoronarem-se e caírem em ruínas, por falta de assistência.

Quando da libertação, subsistem muitas dificuldades para permitir pensar na restauração imediata do Palácio dos Desportos. Só o ano passado, Grünwald e Michaelis, animadores do

Palácio dos Desportos, puderam pôr em execução o seu projecto, que vinha de 1944, de fazer reviver na vasta sala o hóquei sobre gelo.

Felizmente, os dois motores da maquinaria estavam no seu lugar e foi possível pô-los em estado de funcionar. Mas os 16.000 metros de canos que asseguram a congelação da água estavam completamente inutilizados. Foi preciso refazer inteiramente a tubagem.

No começo de 1947, as instalações de novo prontas a funcionar e em condições de congelarem, em poucas horas, uma pista de 56 m. por 26.

Mas uma pista não basta; é preciso também jogadores. A Direcção do Palácio dos Desportos fez um acordo com o Racing Club de França, o poderoso

clube omnisportos de Paris, disposto a criar uma secção activa de desportos sobre gelo.

Depois, a exemplo de Jef Dickson, o Racing recorreu a jogadores canadianos reputados e experimentados para constituir os quadros da sua equipa. Esses jogadores canadianos são em número de seis e todos trabalham em Paris, como mecânicos.

Uma vintena de jovens franceses reuniram-se a eles. O treino foi confiado a Pete Besson, que possui a dupla vantagem de ser um dos melhores jogadores do Canadá e de falar perfeitamente o francês, por ter vivido em França durante alguns anos. Os seus esforços deram resultados concludentes. Ao fim de seis semanas de preparação, a equipa do Racing, muito recentemente, classificou-se à

frente da equipa dos canadianos de Nottingham, considerada como a melhor da Grã-Bretanha.

A equipa do Racing joga agora regularmente uma partida todos os sábados à noite. Conquistou já um público numeroso que a acompanha em todos os seus encontros.

Só resta aos dirigentes manterem o interesse dos programas. Têm-no conseguido. O Palácio dos Desportos, depois da equipa de Nottingham, recebe a visita de equipas de grande classe, como a A. I. K. de Estocolmo, campeã da Suécia, que vem dama «tourneés» na Grã-Bretanha; a equipa do L. T. C. K., campeão da Checoslováquia, cujo menor atractivo não é de contar nas suas fileiras, na qualidade de avançado-centro e de capitão, o famoso campeão de ténis J. Drobny; equipas suíças também figuram no programa. Além disso, estão em curso negociações com outras equipas da Europa central e dos Países Baixos. Enfim, está desde já assegurada a passagem por Paris das equipas olímpicas dos Estados Unidos e do Canadá, que em Janeiro vão participar nos Jogos Olímpicos de Saint-Moritz.

Os programas artísticos prevêem a vinda ao Palácio dos Desportos de «miss» Barbara Scott, canadiana de origem e campeã olímpica; de Mlle. Lanoy, Bonnier, vindos da Bélgica, campeões do mundo de pares; de Hans Gutschweiler, campeão de homens, etc.

O brilho excepcional da época presente é de natureza a dar ao hóquei sobre gelo, em França, um impulso importante. Nas patinagens de Paris, já a rapaziada seduzida pela rapidez e pelas alegrias deste desporto rude mas que apaixonou, recomeçou a manejar o «steek» e a bater o rodete. Nas estâncias de Inverno, cujo número se desenvolveu em poucos anos de forma surpreendente, acontece o mesmo.

A França goza dum clima temperado. Contudo ela apresenta com os Alpes, os Vosges, o Massico Central e os Pirinéus, imensas possibilidades para os desportos de Inverno.

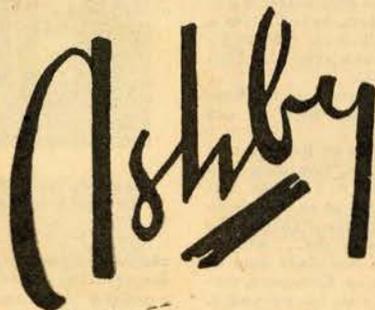
As suas equipas de esqui, os seus patinadores conquistaram brilhantes êxitos nas competições internacionais. Porque não há-de acontecer o mesmo neste desporto magnífico que é o hóquei sobre o gelo?

Pierre Lorme

PATINS INGLESES

os mais populares

E ACESSÓRIOS



PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. A. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

A grande reunião

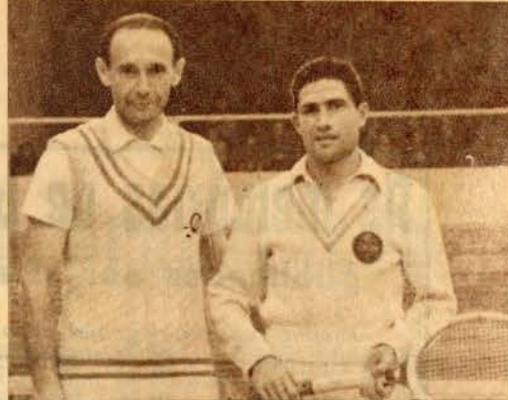
Internacional de Ténis



BOROTRA, numa atitude característica, aguardando o serviço do adversário!



RICCIARDI, numa boa resposta



J. BOROTRA e P. MASIP, no magnífico encontro ganho pelo campeão espanhol

A Federação Portuguesa de Ténis tem-se votado nos últimos anos dedicadamente à sua tarefa, procurando trazer até nós raquetes que sirvam de exemplo aos jogadores nacionais. De entre todas as suas iniciativas — esta, de agora foi a mais brilhante não só por reunir um lote apreciável de vedetas como pela utilização do Pavilhão dos Desportos. Evidentemente, não cabe à Federação culpas do atraso em que se encontra o nosso ténis — que não tem jogadores em quantidade e muito menos em qualidade!

Todos os encontros disputados tiveram sabor e alguma coisa que ver, ainda que uns fossem melhores do que outros. A sua análise e descrição já estão feitas, importando aqui referir apenas ideias gerais.

Escrevemos antes de se realizar a última jornada, mas tal não impede já que se aponte, como grande figura desta reunião internacional, o célebre campeão Jean Borotra.

Havendo ultrapassado os 50 anos, Borotra consegue ainda ser um tenista de competição, aplicando golpes fortes e precisos, muito bem colocados, e num estilo inconfundível. A sua pancada, seca, e o desenvolvimento do golpe são maravilhosos.

Borotra consegue ser melhor do que o seu compatriota Cochet — outro ás do ténis mundial! — mantendo este as características de saber e precisão que esmaltam o seu jogo admirável de colocação. É preciso que qualquer destes homens tenha realmente uma grande classe — para resistir ao tempo de modo a continuarem a ser verdadeiros campeões.

Abdessalam é também um forte jogador, e Poulalion, o outro argelino, o mais fraco.

A Espanha enviou-nos Masip, Szawost (húngaro naturalizado espanhol) e Bartroll. Sem dúvida alguma, Masip é verdadeiramente o n.º 1. Disposto de ótimas condições físicas e estando presentemente em forma estupenda, o antigo pelotari tem resposta para todos os golpes e tanto ao fundo como à rede evidencia recursos e a melhor intuição do ténis.

Szawost, um tenista de pancada potente, tem jogadas magníficas de concepção; e Bartroll é um especialista de pares.

O australiano Harper goza de renome e fama, aliás, justíssimas. O seu serviço é de um vigor, uma força e uma precisão notáveis, a tal ponto que o adversário não consegue segurá-lo, muito menos responder. Mas no conjunto de jogo, Harper é fortíssimo.

Os portugueses eram certamente os menos acostumados a jogar em campo coberto, e de madeira. [Roquete deu a melhor medida, dada a sua extraordinária fibra de combate, Ricciardi diminui-se muito, e Pratas Dias assinalou a sua presença.

Resultados técnicos:

1.ª jornada: Szawost-Poulalion 6/3 e 6/2; Borotra-Ricciardi 6/2 e 6/1; Abdessalam-Poulalion contra Harper-Szawost 3/6, 6/8, 2/6.

2.ª jornada: Cochet-Roquete 6/2 e 6/2; Borotra-Masip 6/3, 6/8 e 6/4; Harper-Szawost contra Masip-Bartroll 2/6, 11/9 e 11/9.

3.ª jornada: Harper-Abdessalam 6/4 e 13/11; Borotra-Cochet 6/2 e 10/8; Bartroll-Poulalion contra Masip-Pratas Dias 6/4 e 6/4.

Enfim, realizou-se em Lisboa uma grande reunião internacional que esperamos tenha salutar influência no ténis em Portugal.



COCHET, numa atitude, ao defrontar Roquete



ROQUETE, que respondeu com brilho ao grande Cochet!



MASIP, devolve uma bola no fundo do court!

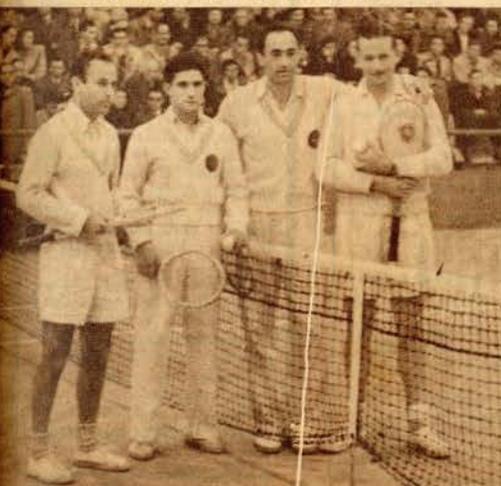


BOROTRA felicita MASIP, após o grande encontro

Fotos F.



SZAWOST e POULALION, cumprimentam-se após a luta em que aquele levou a melhor



HARPER, SZAWOST, ao vencerem Masip e Bartroll

As memórias de LAWTON

publicadas por «Stadium»

Tommy Lawton, o genial avançado-centro do team de Inglaterra, cujas «memórias» a nossa Revista dará brevemente à publicidade, por intermédio da Reuter, realizou há poucos dias uma proeza sensacional, digna da sua classe incomparável.

Lawton, como se sabe, ingressou no elenco dos jogadores de um team modesto, pertencente à 3.ª Divisão: Notts County. Ora, este clube, cujas possibilidades são bastante limitadas, ganhou, com a presença nas fileiras do famoso «artilheiro» uma alma nova e, onde quer que se desloque, o público acorre em massa para vê-lo actuar — mas sobretudo para assistir ao trabalho de Tommy Lawton.

A proeza a que nos referimos produziu-se no decorrer da 2.ª volta da Taça de Inglaterra, agora em curso. Eram adversários, pela segunda vez, o Notts e o Stockton que haviam empatado no primeiro desafio.

A desforra apresentava-se espinhosa, tanto mais que o Stockton recebia o Notts em sua casa. Uma assistência recorde — para o «campo» local, é claro — de 34.261 espectadores instalou-se à volta do rectângulo, pronta a seguir os acontecimentos e a ver fracassar o famoso jogador.

Imagine-se o seu espanto, depois do «artilheiro» ter fusilado o guarda-redes adversário três vezes consecutivas, transformando uma derrota quase certa num triunfo folgado!

Pois a carreira de Lawton está preenchida de casos semelhantes. Bastará lembrar que ele sucedeu a Dixie Dean, no posto de avançado-centro do Everton, inscrevendo o seu nome à cabeça de todos os chutadores da 1.ª Divisão, nesse ano.

Os nossos leitores não devem perder esta oportunidade excepcional de conhecer a vida de Tommy Lawton:

«O futebol é a minha profissão». Tão cheia de colorido, de pormenores, de ensinamentos e magnificamente escrita.

Leia a Stadium, onde se inicia dentro em pouco a publicação dessas «Memórias».

“O Século”

completou 67 anos

«O Século», um grande diário que sempre deu relevo aos assuntos desportivos, completou no domingo passado 67 anos de existência, e a data não pode ser esquecida no jornalismo e pelos jornalistas portugueses.

E' que «O Século», a-par da sua grande projecção como órgão de informação e critica, attento à vida do país e a todas as solicitações

sociais, tem sido uma verdadeira escola de jornalismo, saindo da sua laboração os melhores nomes de reporteres e de redactores.

Trata-se, pois, de um Órgão que honra a Imprensa, tendo por base uma organização modelar, como o reconhecem nacionais e o tem reconhecido alguns técnicos estrangeiros.

Dirigido com pulso firme e profundos conhecimentos por João Pereira da Rosa, tendo como sub-director o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, e uma Redacção, Secretaria e Administração onde se contam excelentes valores — justifica-se amplamente a sua enorme projecção e o lugar de relevo que occupa no país. Apresentando encorajamentos ao seu illustre director e a todos que nele trabalham — desejamos ao «Século» a continuação de uma carreira cada vez mais brilhante e vitoriosa.

Automobilismo

Comunica-nos a Direcção do Clube dos «100 à Hora» que, em virtude das entidades superiores não julgarem o presente momento aconselhável à realização da anunciada «Volta a Portugal em Automóvel», foi a mesma Prova adiada para data que as referidas entidades julgarem oportuna.

JUNIORES EQUIPAS que vencem

— são eliminadas!

Sòmente se realizaram três jogos para completar a primeira volta da primeira fase do Campeonato Distrital. Foi medida acertada por parte da A. F. L. pois que assim vai começar a segunda volta mas com as classificações devidamente em ordem.

Os resultados dos jogos de domingo passado foram os seguintes:

Cascalheira.. 1 — Sporting B.. 0
Sacavenense. 3 — Alverca..... 0
Atlético B... 3 — Belenenses.. 5

As classificações, considerando sòmente os dois primeiros lugares, que são segundo o regulamento os que passam à fase final da prova, ficaram da seguinte forma:

1.ª série — Benfica B e Casa Pia.
2.ª série — Sacavenense, Alverca e Águia Vilafranquense.
3.ª série — Sporting A e Oriental.

4.ª série — Belenenses e Estoril.
5.ª série — Benfica A e Sporting B.

6.ª série — Palmense e Atlético.

Na primeira e quinta séries as equipas do Benfica B e Sporting B, terão de ceder a favor da equipa que se lhes seguir na classificação, pois que o regulamento da prova não permite que para a fase final um clube apresente mais do que uma equipa. Isto, é claro, com vista ao tal trabalho em profundidade que se apregoa em tetra gorda...

E' um caso que teremos o cuidado de tratar em especial, pois que não podemos concordar que uma equipa, seja ela B, C ou D, mas que no campo tenha vencido, fique privada de continuar numa prova só porque outra do mesmo clube também venceu!

M. V.

Amanhã nas Salésias um treino da Selecção Nacional

A Comissão de Preparação, após uma interrupção de mês e meio (tempo suficiente para recolhimento e meditação) começa amanhã a organizar o Grupo Nacional que, em Chamartin, de aqui a dois meses e meio de frontará a Selecção de Espanha.

O treino de amanhã é um ensaio — um pouco pretensioso.

Os 25 convocados são os seguintes:

Guardaredes — Azevedo, Barrigana, Baptista.

Defesas — Vasco, Feliciano, Curado.

Médios — Serafim, Carvalho, Figueiredo, Serafim (Boavista), Ricardo Vale, António Nunes e Rebelo.

Avançados — Jesus Correia, Espírito Santo, Araújo, Vasques, Armando, Bravo, Sidónio, Júlio, Palatino, Rogério Simões, Travassos e Albano.

A convocação de alguns destes elementos e a não-convocação de outros, antigos ou modernos, lança a mais pavorosa confusão no meio — documentando ao mesmo tempo a falta de visão na escolha e o bom-senso na maneira de proceder.

Quebram-se a pouco e pouco os últimos laços que ligavam os encarregados do Grupo aos componentes da Selecção, desaparecendo a confiança mútua, o espírito de abnegação e a moral da equipa.

Pená é que assim seja. As últimas provas dadas pelo futebol espanhol e a maneira como decorreu o último encontro que disputamos em Espanha, na Corunha, dizem-nos que temos diante de nós a oportunidade de batermos os espanhóis, ou a certeza de um comportamento digno e brioso.

Mas está a proceder-se de uma forma que brada aos Céus! Não interessa que a Selecção Nacional seja constituída por elementos mais ou menos idosos. O que se impõe é formar-se um grupo de onze valores, aptos, que tenham a devida ligação e disciplina de futebol e cuja base seja a amizade entre todos, boa camaradagem, moral sólida e confiança em quem os dirige.

A não se proceder deste modo — não há ratificações de poder que produzam resultado.

Sabemos ter sido abandonada a insensata ideia dos 3 Treinadores, a que nos referimos nestas colunas. O argentino Scopelli continuará no posto para o qual voltou a ser convidado — se puder harmonizar o trabalho com os seus deveres no Belenenses.

ARCADIA

O dancing
n.º 1
da Capital

Apresenta os princípios
do baile espanhol
**MERCEDES LEON
e ALBANO ZUÑIGA**

A estrela do baile flamenco
MINERVA

Carmelita del Rio
e outras atrações

Música constante pelas
dinâmicas orquestras
GRAND CASINO
com o cantor Amarel Lopes
e **ARCADIA**

Um êxito da orquestra
CELIA y sus DUKES

Abertura às 22 horas
1.ª parte de variedades às 24,15

Amanhã: **1.º BAILE
DE MASCARAS**

Está-se em plena tarefa de preparação dos Jogos Olímpicos de Inverno em Saint Moritz, na Suíça, onde devem começar em 30 de Janeiro e continuar até 8 de Fevereiro.

A Grã-Bretanha venceu neste sector dos Jogos em Garmisch-Partenkirchen, em 1936, e no ano seguinte, ganhou igualmente em bobsleigh nas provas de velocidade, patinagem artística e oquei sobre o gelo. Parece todavia, que as suas perspectivas de ganhar mais uma vez os campeonatos de oquei sobre o gelo, como conseguia ganhar em Garmisch, são fracas pois que a Comissão Olímpica Internacional decidiu que, para a inscrição dos representantes internacionais, não basta ter nascido no país que devem representar; devem ter pelo menos 5 anos de residência, e essa regra afastará os jogadores nascidos na Grã-Bretanha, domiciliados no Canadá, de serem escolhidos à última hora para o grupo britânico.

Mas o Canadá também tem as suas dificuldades. A maior parte dos seus homens recusa-se a prestar o juramento de amadores, de forma que os canadianos terão de contar sobretudo com o grupo da Real Força Aérea Canadense. Muitos canadianos pensam que os aviadores são bastante bons para vencerem os grupos dos outros países, mesmo que não estejam à altura de vencerem um grupo canadiano da sua própria categoria apenas da província de Ontário!

Dificuldades femininas

Deve também haver dificuldades com a bela e loira Bárbara Ann Scott que ganhou o campeonato norte-americano e que mesmo os técnicos americanos julgam ser hoje melhor do que nunca foi Sonja Henie. A questão começou porque miss Scott, que ganhou o campeonato de patinagem artística, no ano passado, quando foi à Suécia e à Suíça, recebeu como presente um automóvel dos seus concidadãos de Ottawa. Ela soube depois que à sua inscrição se opanha o senhor Avery Brundage, presidente da Comissão Olímpica Americana, e chorosa devolveu o automóvel à sua cidade natal. O senhor Mackenzie King le-

As canseiras de preparação dos jogos olímpicos de inverno

Pelo tenente-coronel F. A. M. WEBSTER

vantou a questão no Parlamento canadense, e os canadianos mostraram-se indignados com aquilo que consideram uma tentativa do senhor Brundage para conseguir a eliminação de miss Scott dos Olímpicos, deixando assim o campo aberto à representante americana, Gretchen Merrill. Não se sabe ainda se haverá novas questões sobre o caso. De qualquer forma o Canadá tem

e sem ser acompanhado pelo treinador. Teve de procurar um emprego como carpinteiro para pagar a viagem e teve de contar com os amigos da Noruega para os seus treinos, no tempo que lhe ficava livre. Noruegueses, suecos e holandeses, na Noruega, com os seus treinadores estão a fazer o mais que podem para aplanar o caminho a Cronshey que, segundo dizem, é o melhor

preferência dos atletas britânicos para as provas de pista deverá ser inteiramente encorajada. Quando se realizou a 5.^a Olimpíada em Londres (em 1908), a Grã-Bretanha não esteve representada no salto à vara e em todos os Jogos ganhou apenas uma prova de concurso, o triplo-salto, com Tim Rheaume que saltou 48 pés e 11 1/4 polegadas.

Há melhores perspectivas para 1948 se as organizações atléticas britânicas se souberem cultivar. Malcolm Dalrymple, um rapaz escocês que tem o recorde britânico do lançamento do dardo em 198 pés e 5 polegadas e 3/4, foi à Finlândia (também à sua custa) para estudar a técnica dos finlandeses, que são os detentores do recorde mundial e mestres deste desporto. Lá, sob a orientação de Armas Valste, já conseguia 207 pés, feito que lhe há-de valer certamente a representação da Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos.

As pretensões americanas no dardo

O domínio dos escandinavos neste desporto também se encontra ameaçado pelos Estados Unidos, «O leiliteiro da lança» E. L. McKenzie, de 25 anos, tem 1,80 metros de altura. Os americanos dizem que ele, lançando o dardo a 264 pés e 6 polegadas já eclipsou os recordes mundiais estabelecidos por Matti Jarvinen (253 pés e 6 polegadas em 1936) e Yrje Nikkanen (258 pés e 2 3/8 polegadas, em 1938).

Mckenzie atribua o seu êxito ao desenvolvimento anormal dos músculos do antebraço direito e ao facto de ter seguido um treino persistente e firme desde há cerca de 12 anos. A sua rapidez ao aproximar-se da meta é tão grande que ele avança ainda 25 pés para além do ponto onde lança o dardo, na direcção da linha de lançamento.

Entretanto, dizem-me que Tom White, que venceu a meia milha da Associação de Atletismo Amador, em 1 minuto e 53,8 segundos, mas que no fim da época se encontrava em má forma, teve um ataque que intriga os médicos. Por conselho médico repousará durante 3 meses, seguindo tratamento especial durante esse repouso.

Se conseguirmos recuperar a saúde suficientemente antes dos Jogos Olímpicos, em Julho e Agosto do próximo ano, será um homem difícil de bater nos 800 metros.



Barbara Ann Scott, vencedora do campeonato norte-americano de patinagem artística, é uma das favoritas nos próximos jogos olímpicos

muito boas perspectivas na patinagem de pares com Susanne Morrow e Delselmeyer.

Falta de iniciativa

Há grande descontentamento na Inglaterra com o facto de Johnnie Cronshey, o veloz patinador de Londres, que no ano passado ganhou o campeonato mundial de patinagem dos 10.000 metros, ter sido obrigado a ir a Hamar, na Noruega, à sua custa,

e mais rápido patinador que já mais viram,

Parece que a opinião pública na Inglaterra está de acordo em que a Associação de Patinagem Amadora deveria enviar um treinador com Cronshey, para o auxiliar a garantir as suas perspectivas de vitória nas Olimpíadas.

Otras queixas dos círculos desportivos britânicos dizem respeito à falta de iniciativa demonstrada na preparação das provas de pista no próximo verão. Pergunta-se se a marcada

Ano VI — II Série — N.º 266
Lisboa, 7 de Janeiro de 1948

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Redacção e Administração
RUA DA ROSA, 252 - 1.º
Telefone 51187 - LISBOA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção:
TAVARES DA SILVA

Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

Telxeira da Silva e Manuel Marques, no velho combate do avançado contra a defesa...



Vasques carrega Sérgio, mas não evita e defesa!



Fotos NUNES DE ALMEIDA



Uma bela imagem do encontro das Salésitas! A defesa do Sporting em acção!

Azevedo defende a bola e defende-se de Narciso, lealmente. Ao fundo, veste-se Amaro, Juvenal e Manuel Rocha



BELENENSES
vencem o
Sporting



Um ataque do Benfica junto das redes do Atlético! Veja-se como um dos homens do Benfica procura furar...



Correia fez nova excelente exibição! Esteve incansável e defendeu o máximo. El-lo em acção, enquanto Arsénio segue o lance...

Arsénio e um dos seus companheiros carregam virilmente Correia, o qual defendeu, apesar de tudo, com êxito. Em volta distinguem-se Gregório, Juho, José Lopes, E. Santo e Rosário



Vitor Baptista, num salto prodigioso e acrobático, em luta com Armando Carneiro. O extremo-esquerdo do Benfica destacou-se notavelmente!

BENFICA

SENHOR DA SITUAÇÃO em toda
A SEGUNDA PARTE

Fotos A. FERRARI



CORTA-MATO DE ABERTURA



1 - O grupo dos concorrentes ao corta-mato de abertura constituído por atletas do Benfica, Belenenses e Atlético. 2 - O vencedor, Manuel Gonçalves, ao transpor um obstáculo



JUNIORES

A prova de juniores, de futebol, continua animada! Eis uma fase do encontro em que o Belenenses venceu o Atlético



Taça "Cosme Damião"

A equipa do Sport Lisboa e Olivais, que está a disputar actualmente a Taça «Cosme Damião». Conjunto valoroso formado por gente nova, tem afirmado valor e condições de progresso

Quando Samitier conversa com Scopelli

Surpreendemos no enorme movimento que geralmente caracteriza os hotéis de Madrid uma grande figura do futebol espanhol, um dos seus maiores nomes — aquele que criou um estilo e caracterizou uma época. Temos Pepe Samitier na nossa frente vestido de uma forma requintada — que bem demonstra as suas preocupações de elegância. Mas este Sami de hoje transformado em homem de negócios é muito diferente de aquele que outrora conhecemos, dominando o jogo em pleno rectângulo. Está mais gordo e pesado. A sua leveza e o seu andar alado desapareceram, na transformação de um homem que medita a vida — talvez por estar bem instalado na Vida...

Entram e saem algumas pessoas muito conhecidas no meio desportivo. Jacinto Quincoces, o da parrelha célebre da Selecção de Espanha, o jornalista Carlos Fuertes Peralba, o actual secretário técnico do Barcelona, de quem não descobrimos o nome, e outros. Formam-se grupos para o cavaco. Scopelli, o argentino que treina o Belenenses, é dos mais solicitados. Ele, ordinariamente de poucas falas — fala muito.

Assistimos então — vésperas do Real Madrid-Belenenses — a uma curiosa troca de impressões. Samitier, ainda saudosos do futebol da sua época, mostrava-se contrário ao «jogo de posição», salientando que a classe dos jogadores poderia resolver com êxito todos os problemas em campo. Que o «plano» diminua singularmente as qualidades do homem, conduzindo ao inverso do que ordenam os bons canones — correr mais a bola do que o jogador.

Ninguém argumentou, nem era preciso argumentar. Todos, instintivamente, compreendem a posição de Samitier que, criado em determinado «clima», onde brilhou com fulgor, lhe custa a mudar de concepção e processos. Mas mudará — estamos certos...

Por isso mesmo, e pelo que depois se passou — a confissão do grande Sami torna-se muito mais curiosa. E' que o extraordinário médico catalão também foi à inauguração do Estádio de Chamartin, e o encontro exerceu certa influência no seu espírito.

Tinha sido oferecido uma magnífica oportunidade para o célebre jogador tirar conclusões. Na verdade, em plena grandesa do Chamartin inaugural estiveram duas equipas de escola diferente: a espanhola, no estilo clássico do recreio e vocação individual; a portuguesa, no plano organizado de jogo e na disciplina racional e colectiva de todos os movimentos.

A prova abalra o espírito de Pepe Samitier. Este contava, no hotel, ao outro dia, que o desafio tinha sido uma boa lição de factos; que, realmente, lhe parecia, agora possível conceber o jogo «de posição» e ligar os segmentos, deixando ainda margem suficiente para as iniciativas próprias do jogador de classe no momento devido.

Salientava ainda Samitier que o contraste dos dois «teams» fôra evidente e que o Belenenses havia dado com nitidez a expressão de uma disciplina de jogo — que quase o congratava e o fazia aderir à moderna escola. A «táctica» deixara de lhe parecer uma coisa horrível!

... Mas logo Samitier opunha um reparo. Era indispensável, dizia, no sistema apresentado, uma disciplina muito apertada, sendo difícil conter e dominar os rapazes novos, de sangue estuante. E então dava o exemplo belenense, no esclarecimento dirigido a Scopelli:

— Veja V. o que acontece ao médio-direito do Belenenses que transportava a bola durante muito tempo, provávelmente em prejuízo do plano de jogo. Deve certamente tratar-se de um jogador jovem — ao qual será difícil disciplinar.

Scopelli, num sorriso, e certamente para não perturbar o famoso Samitier, disse que Amaro rondava os 22 anos.

— Pois claro!

Contamos este caso — porque ele em nada diminui Samitier. Diz-nos apenas que as primeiras impressões são enganadoras, e a primeira prova sedutora mas não definitiva. Mas não há dúvida que, Amaro, nesse dia, comportou-se com a frescura do jogador de 20 anos — destruindo a tese do seu cansaço de idade.

Mas o caso vale, principalmente, como demonstração de que os sistemas, as tácticas ou o jogo de posição — não matam as iniciativas individuais.

Quere dizer: era perfeitamente possível haver um Samitier no futebol moderno. Talvez fosse mais difícil — mas tal já não conta para o caso.

T. S.

EXEMPLARES ATRASADOS

Todos os exemplares da II série passam a custar:

Do n.º 1 ao n.º 108..... Esc. 5\$00

» n.º 109 ao n.º 212..... » 3\$50

Todos os restantes — preço da capa

CORTA-MATO

A abertura da época

A Associação de Lisboa inaugurou no domingo a temporada de Inverno, promovendo a primeira corrida de corta-mato, mas não foi muito feliz no seu empreendimento: parte por culpa sua, parte por culpa alheia.

A concorrência ficou muito aquém do que seria presamível e o Sporting, clube das maiores responsabilidades, não compareceu sequer, porque não legalizou a tempo devido a inscrição dos seus corredores e a Associação — e muito bem — não aceitou situações provisórias. Por este motivo alinharam apenas 24 participantes, número escassíssimo para uma prova à qual eram admitidos atletas de todas as categorias.

O percurso escolhido pelos dirigentes técnicos da A. A. L., nos bos da serra trazera ao campo da Tapadinha, é absolutamente impróprio para uma prova deste género e de início de actividade; três voltas de um traçado acidentadíssimo, com uma lorte ladeira de cerca de quinhentos metros e a áspera escadada para entrar no terreno do Atlético, obrigam a esforço exagerado para principiantes e juniores, com a circunstância agravante de se tratar de abertura de época.

Considerando a necessidade de escolha de um local onde existam instalações utilizáveis para equipamento dos corredores, apenas nos ocorreu no es-

pirito tres zonas utilizáveis: a do Estádio Nacional, a do INEF, em Benfca e a do Parque Eduardo VII, desde que se conseguisse autorização para utilizar os vestiários do Pavilhão dos Desportos.

A corrida, nas condições em que foi organizada, não podia deixar de ser favorável aos corredores mais duros e com maior veteranía; perante a primeira volta o belenense José Rodrigues, que nas descidas se mostrou exímio, acompanha ainda os benfiquistas Manoel Gonçalves e João Silva, mas na primeira passagem pelo campo do Atlético lagia Gonçalves e na segunda fez o mesmo João Silva.

O vencedor, que gastou 15 m. 27,1 s. a percorrer os quatro quilómetros, mostrou grande superioridade, precedendo o seu companheiro de clube de 18,5 s., cerca de 100 metros; vieram depois, José Rodrigues, José Ferreira e José Tomé, estes dois últimos revelados na categoria de iniciados do Grande Prémio do Natal.

O Benfca venceu facilmente na classificação por equipas de cinco corredores (1.º, 2.º, 4.º, 5.º e 6.º).

A registar o reaparecimento do Atlético, que pela sua características bairsta poderá contribuir eflicemente para a propagação do atletismo na populosa área de Alcantara e Santo Amaro.

Salazar Carreira

ANDEBOL

O Belenenses venceu o Torneio do Oriental

Quando há uma semana lembramos a identidade de situação nas finais desta época e da época finda do Torneio do Oriental, estavam longe de pensar que o destino viria dar maior fundamento à nossa evocação.

Há um ano, o Sporting, após empate com «Os Treze», deixou-se bater no jogo de repetição; agora, o mesmo Sporting, obrigado a segundo encontro com o Belenenses, sofre nova e merecida eliminação.

A equipa azul, mais animosa durante a primeira meia-hora, conseguiu passar de 0-1 para 4-1, semeando a desorientação entre os adversários que por vezes se esqueceram de acompanhar a sequência das jogadas para manifestarem o seu desacordo com a indiferença do árbitro ante os insistentes e irregulares processos de interferência de alguns jogadores belenenses, demasiado conhecidos para que possa haver surpresa.

No entanto, ninguém pode negar legitimidade ao triunfo alcançado pelo Belenenses, que vai assim, no domingo próximo, disputar a «Os Treze» a posse da taça instituída pelo Oriental, com foros de favorito.

Enquanto não reúne a assembleia dos clubes, que ha de decidir sobre a forma de disputa do próximo campeonato regional, a Associação despacha os seus compromissos em atraso, tendo feito em sessão especial, a que presidiu o sr. Director Geral dos Desportos, a entrega dos trofeus correspondentes às provas de sua organização durante a temporada passada e no início da presente, e dos diplomas de sócios de mérito concedidos aos srs. dr. Salazar Carreira e Acácio Rosa e o de sócio honorário atribuído ao embaixador sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, grande amigo da modalidade.

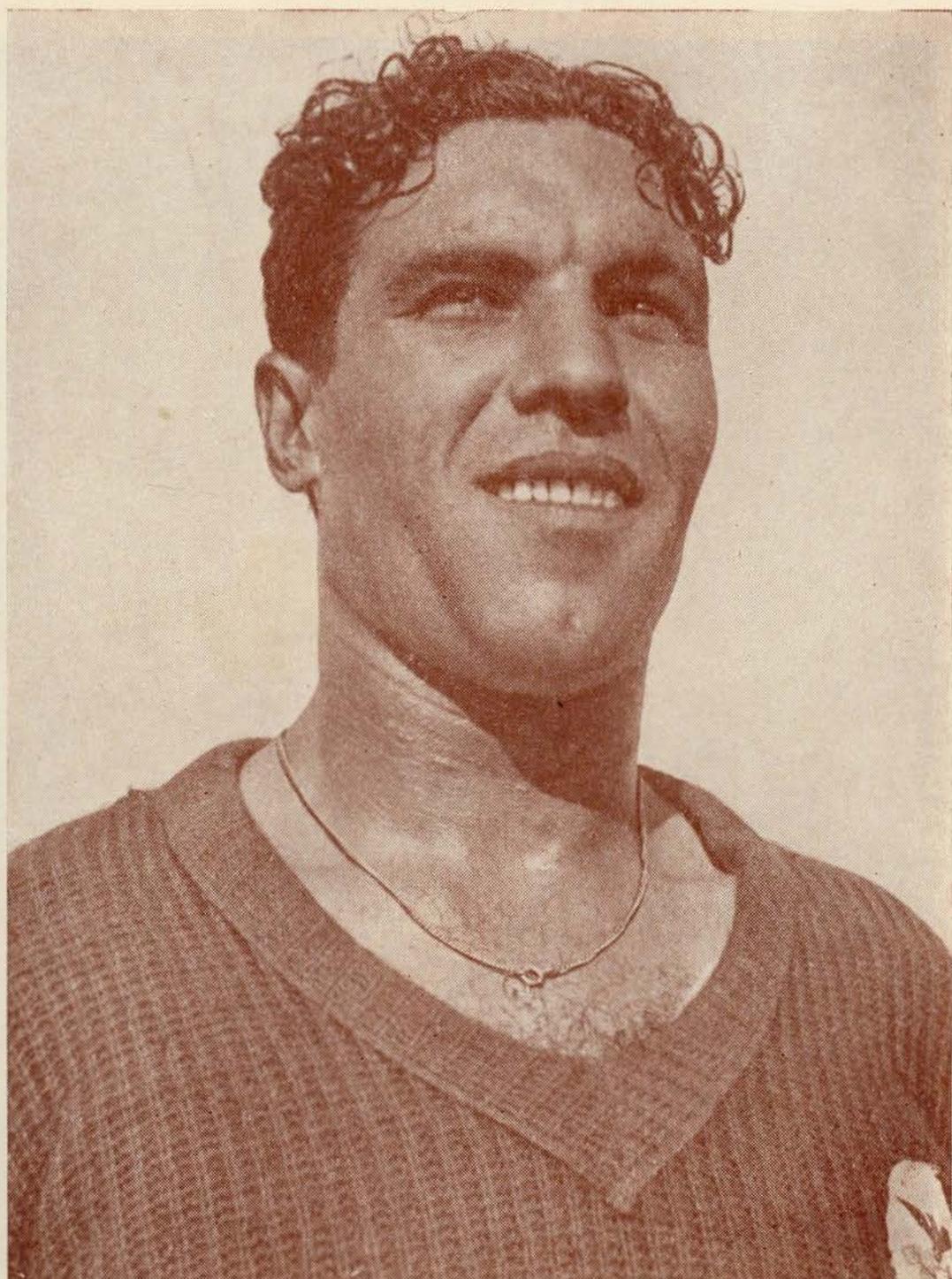
No decorrer da sessão pronunciaram-se interessantes afirmações, de entre as quais queremos apenas reter a sugestão de colaboração entre o andebol e o futebol lisboetas por intermédio dos seus organismos regionais.

A presença do sr. Paiva e Silva nas duas entidades, e o calor com que manifestou o seu empenho pelo desenvolvimento do andebol, merecem considerar-se elementos do melhor augúrio.

José de Eça

Francisco Ferreira

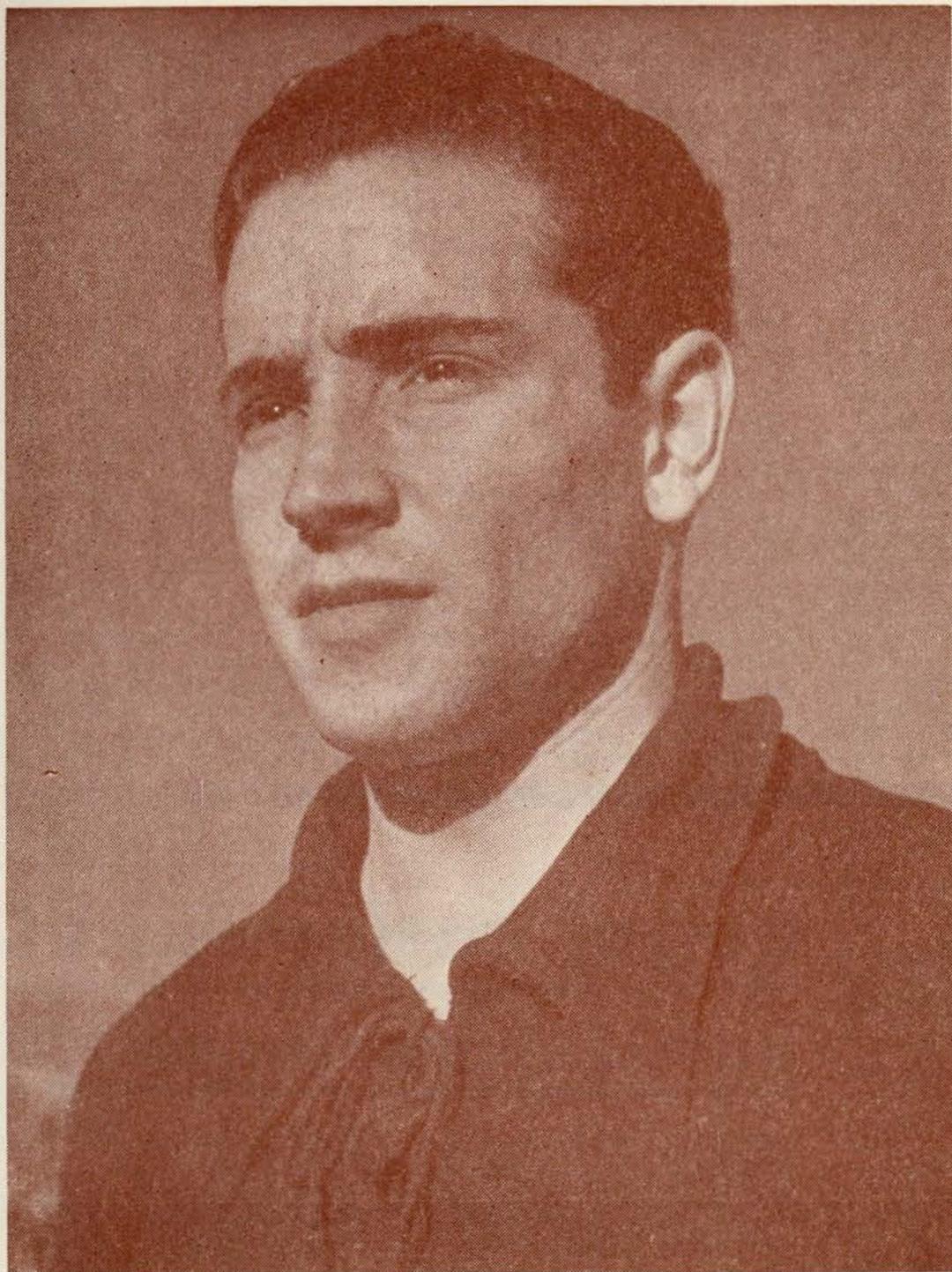
(DO BENFICA)



Nasceu em Guimarães, a 23 de Agosto de 1919. Começou a sua fulgurante carreira no F. C. do Porto, onde jogou de 1935 a 38, passando depois para o Benfica e tornando-se uma dedicação clubista. Médio de ataque por excelência, faz também outros lugares. 13 vezes internacional.

António de Deus Costa de Matos Bentes de Oliveira

(DA ACADÉMICA)



Nasc u em S. João do Souto, em Braga, a 29 de Agosto de 1927. Joga na Académica desde a época de 1945-46, e oficialmente não conheceu outro clube. Extremo-esquerdo de grande intuição, boa corrida, dribling e forte remate. 1 vez internacional.

Um antigo jogador do F. C. do Porto

ERNESTO DOS SANTOS

abandonou o cargo de treinador do Flamengo

Ainda a visita à Europa da equipa da Confederação Brasileira de Basquetebol

(Especial para «Stadium», do nosso redactor no Rio de Janeiro, CANDEIAS ALVAREZ)

O leitor conhece com certeza Ernesto Santos. É um rapaz português, ali de S. Pedro do Sul (Viseu), que um dia apareceu no nosso país, no seu país, claro está, numa visita de férias. Disputaram-no clubes de Lisboa e, é bom de ver, um outro «grande» lá do Norte — o Futebol Clube do Porto. E este venceu.

Ernesto Santos, excelente defesa, sereno e correcto, fixou-se no clube da Constituição, ao lado de Vianinha e de Avelino Martins. GANHOU, vestindo a famosa camisola azul branca dos portugueses, alguns campeonatos.

Um dia, regressou ao Rio de Janeiro, que conhecia desde menino e moço. Ernesto Santos deixará saudades na Capital do Norte — mas a sua vida profissional estava localizada no Brasil. Os seus amigos do Porto tiveram pena, largas saudades, mas a vida por cá era inteiramente outra...

Uma vez regressado ao Rio de Janeiro, Ernesto Santos voltou aos campos. Reconhecida a sua competência e o seu valor, Ernesto tomou conta da direcção técnica do Flamengo. O que era difícil...

Como acontece em toda a parte, surgiram recentemente complicações dentro do seu Clube, o celebre «Fla». A derrota do Flamengo contra o Vasco, principalmente, serviu de rastilho, e o brioso português apresentou a sua demissão a Francisco de Abreu, emissário do coronel Ortini Corilano, dirigente máximo do clube da Gavea.

Temos, portanto, mais uma transferência. Os treinadores brasileiros, como já dissemos oportunamente, andam nesta altura em bolandas, sabendo-se que apenas Flávio Costa, do Vasco da Gama, deverá continuar no seu

posto. Este caso compreende-se. O Vasco da Gama ganhou o campeonato com o máximo brilhantismo...

Lamentamos o que se dá com Ernesto Santos — um português que já envergou a camisola de um considerado clube da nossa terra.

Ainda a excursão dos brasileiros do basquetebol à Europa

Ainda se fala e se escreve com paixão sobre a viagem da equipa da Confederação Brasileira de Basquetebol à Europa. Sobre os incidentes do Porto caiu pesada pedra, mas um jornalista brasileiro, num dos últimos números do «Jornal dos Sports» refere-se ao assunto em termos áspers, que reproduzimos a seguir, no seu próprio estilo:

«A gente que milita no desporto não se esquece de modo algum dos acontecimentos de certa natureza. Por isto mesmo as acomodações — actualmente tão em voga — têm o inconveniente de sua exumação na época propícia. Ainda ontem tivemos um exemplo, quando ou-

vimos pela décima ou vigésima vez a mesma coisa. De facto, um ferveroso «botafoguense», pessoa ligada, ao basquetebol, perguntou-nos, veiculando uma grande estranheza do pessoal do Botafogo, por que razão a Confederação Brasileira de Basquetebol nada disse, até hoje, a propósito das atitudes que assumiram Pacheco e Ruy, na viagem de ida para a Europa. Como é sabido, um retornou alegando não aguentar a viagem, e o outro logo em seguida, também desistiu, sob o fundamento de que só iria até o fim por via aérea.

Esperava-se que, com o correr dos tempos, viria uma explicação. A Confederação Brasileira de Basquetebol, que fora tão enérgica no «caso» de Guilherme, cujo registo foi cassado só porque ele perdeu a hora do embarque bem poderia ele ter explicado ou justificado a deserção daqueles dois players, desde que não quisesse ou não achasse justo puni-los. O silêncio não impressionou bem em razão dos boatos que se foram avolumando. Vinte e quatro horas depois de sua volta, por enfermi-

dade, um dos jogadores em referência foi visto, bonzinho «da silva», presenciando um «match» de basquetebol, à noite. O outro para o qual não havia passagem de avião, foi substituído às expensas da Confederação, por um companheiro de clube, pelo mesmo sistema de transporte. E' que o Vasco, sempre liberal, pagou uma despesa que cabia à Confederação, enviando Alfredo por via aérea, ao passo que o Fluminense considerou lógico o dispêndio da viagem de Getúlio por conta da entidade responsável pela excursão.

Quando da viagem a coisa «ferveu». Falou-se em deserção, e dizem até que a ameaça de severa punição era moeda corrente por parte dos paredres em excursão. Há até quem afirme que, para o técnico Octacílio Braga, homem cem por cento a favor da disciplina, a punição era questão fechada. O certo, entretanto, é que nem se puniu, nem se procurou ao menos, uma explicação razoável, como se pretendu fazer quanto aos incidentes do Porto. Para nós, a impunidade e o silêncio se justificam plenamente. Depois do que houve no Porto, seria um absurdo se pensar em punir desistências de viagem».

A «Taça do Mundo» e a Confederação Brasileira dos Desportos

Em 1950, como na Europa se sabe, teremos no Brasil a disputa da «Taça do Mundo», e a Confederação Brasileira dos Desportos prepara-se para dar à grande competição todas as facilidades requeridas pelos dirigentes do futebol que nos visitem.

O Senhor Rivadavia Correia Meier, presidente da Confederação, chegou ao Rio, de volta da sua digressão pela Europa e informou que tudo se encaminha para a perfeição.

Disse: «Serão 16 os países participantes no campeonato, divididos em grupos de 4, incluído os finalistas, de onde então sairá o Campeão Mundial.

Sobre a questão dos transportes, afirmou o Sr. Rivadavia Correia:

«Não haverá obstáculo quanto à viagem aérea dos jogadores, pois a viagem marítima é fatigante. Foram fixados os pontos de partida e os seleccionados, após as eliminatórias, deverão embarcar para o Brasil 5 dias antes, tendo como ponto de partida — Paris, Londres, Haia, Estocolmo, Roma e Lisboa».

BASQUETEBOL

Os primeiros jogos do Campeonato de Lisboa

COMEÇOU, finalmente, na sexta-feira, o campeonato de Lisboa de basquetebol — primeira prova oficial da época. E, o mais lamentável é que nada se lucrou com este começo tardio, porque, como se sabe, voltaram ao tempo «pré-históricos» dos jogos noturnos, disputados no inverno em campos descobertos. As demarches efectuadas pelos organismos dirigentes, para a cedência do Pavilhão dos Desportos, não deram resultado e, em consequência disso, a A. B. L. viu-se na necessidade de marcar os encontros da Divisão de Honra para os terrenos do Ateneu e do Sporting — aqueles que, pela sua situação e comodidades para o público, em melhores condições se apresentaram.

No encontro inaugural do campeonato, defrontaram-se o Benfica e o Lisboa Ginásio, num jogo que foi disputado com muito ardor, por parte dos ginasistas e conduzido com grande segurança por todos os jogadores «encarna-

dos». Deste embate, nasceu uma luta equilibrada e interessante, que terminou pela natural vitória do Benfica, por 38-29.

A seguir, jogaram os «cinco» do Algés e do Lisgás — dois clubes com boas tradições nesta prova. O Algés apresentou os mesmos elementos da época passada e venceu, dificilmente, o conjunto adversário por 31-27.

Nos vencidos, notou-se a ausência do Cabral e Augusto Santos — os dois defesas titulares, um dos quais — Augusto Santos — foi este ano transferido para o Sporting. Apesar de desfalcado, o Lisgás deu sempre réplica aos ataques do Algés e, em diversas ocasiões comandou a partida. Resultado certo.

Por último, o Belenenses e o Atlético disputaram o encontro mais sensacional da jornada. Os alcantarenses reuniam, talvez, maior número de probabilidades de triunfo, pois que a sua equipa, nos poucos jogos feitos, desde o início da época, patenteou boa

capacidade de realização e excelente conjunto de valores. Afinal, o Belenenses não se atemorizou com a vantagem inicial do Atlético e, nos derradeiros minutos da contenda, alcançou um triunfo que premiou a vontade dos seus jogadores e serviu de aviso aos futuros adversários dos «azuis».

Até ao intervalo, os alcantarenses, com José Ferreira e Carlos Fernandes em evidência, estiveram sempre na posição de vencedores, acumulando pontos, provenientes, sobretudo, de lançamentos longos.

O Belenenses que, nesta parte, teve em Luis Neves o seu melhor elemento, jogou muito desligado, facilitando assim a missão dos seus adversários. Valeu-lhe, como dizemos, a esplêndida actuação de Neves, que soube lutar contra a adversidade, e não deixou que a diferença do marcador se acentuasse demasiadamente. Na segunda metade do desafio, a entrada de Valério para o «cinco» do Belenenses veio dar maior coesão à equipa, ao mesmo tempo que o Atlético, em consequência do abaixamento de Fernandes, não continuou o bom andamento do primeiro tempo. Desta forma, a luta animou bastante e os «azuis» passaram à situação anteriormente ocupada pelos alcantarenses.

Resultado final: 26-25, a favor do Belenenses.

ALVARO CARDOSO

RETOMA A ACTIVIDADE

havendo boa vontade, retorquimos.

— Para começo. — disse-nos então, afirmo-lhe que, entre tantas recordações indeléveis da minha carreira futebolística, a do primeiro dia deste ano, ficou como uma das mais carinhosas, das que mais me impressionaram! A manifestação espontânea da massa associativa do meu clube, bem secundada pelo resto da assistência que emoldurava o Estádio «José Alvalade», é das que não fenecem, ao invés, perduram cada vez mais víçosas, quanto mais o tempo vai passando!

«As felicitações de todos os componentes da turma bracarense, e, muito especialmente, a dos antigos companheiros de equipa, António Marques e Daniel Duarte Silva, sensibilizaram-me grandemente pelo seu desportivismo».

Sou partidário do W M, mas...

A conversa der'vou para os sistemas táticos de jogo. Álvaro Cardoso percebeu o nosso fito e não se negou.

— Muito se tem falado e escrito acerca do W M., afirmou-nos. Sou partidário acérrimo deste sistema, mas inimigo declarado do «homem-policia». Vou provar-lhe esta asserção, com factos reais.

«A equipa nacional francesa, no último jogo realizado no Estádio Nacional, mostrou-nos, claramente, como deve ser feita a «marcação» e «desmarcação».

Exemplo: Ben Barek, embora ocupando na equipa o lugar de interior esquerdo, com o desenrolar do jogo, inúmeras vezes actuou a lateral direito e até a extremo deste lado. Na «gíria» da bola, aplica-se o termo «dobrar», quando há uma permuta de lugar. Ora, se Ben Barek, em determinado momento deixou de ser interior esquerdo, «dobrou» com o elemento que ocupava o lugar para onde derivou. Portanto, o sistema não sofreu modificação na sua estrutura, visto que os lugares são ocupados por jogadores e não por nomes.

«Na extrema defesa, quando o da esquerda era batido, logo o companheiro do lado oposto, acorria à jogada, retomando o seu colega, o lugar deixado vago». Por estes exemplos, que julgo elucidativos, verifica-se existir a «marcação» e a «desmarcação», sem alteração do sistema. Além destes, muitos mais casos lhe podia enumerar...

— Porque motivo, entre nós, não se chegou, ainda, a esta perfeição? — atalhámos.

A resposta vem de seguida.

— Pela simples razão de muitos dos nossos jogadores estarem viciados no «policimento» de nomes, em vez de vigiarem apenas, as zonas que lhes competem, sem a preocupação de andarem «agarrados» aos adversários que previamente lhes haviam sido indicados. O facto de citar a vigilância, apenas às zonas, não quer dizer, — acentua, — que a mesma não tenha que ser posta de parte, sempre que haja necessidade

de prestar entre-ajuda a um companheiro que tenha sido «batido».

Álvoro, concentrou-se.

— Voltando novamente aos franceses, — prosseguiu, tive ocasião de observar a maneira prática e certa como actuou toda a defesa. Houve sempre entre-ajuda, isto é «marcação» e «desmarcação». O mesmo, quanto à linha dianteira, em que os interiores, os extremos e o avançado-centro, não eram nem uma nem outra coisa... eram simplesmente avançados.

«Só descortinámos o lugar que cada um desempenhava, em rigor, na equipa, pela posição que tomaram no início e nos reatamentos do jogo».

E com calor exclamou:

— O sistema é de facto bom, mas é preciso que haja quem o compreenda e o saiba praticar!...

Depois de sete meses afastado das competições...

... Álvaro Cardoso, analisou a sua actuação, confessando-nos:

— Comecei por «estudar» o adversário que me competia, em virtude de não conhecer as suas características. Depois, tratei de dar «balança» às minhas possibilidades físicas, sim, porque não é impunemente que se está afastado de jogos de competição, durante sete meses. Fim do primeiro tempo, convenci-me de que podia ir até ao termo, «puxando» um pouco mais e não me enganei porque esgotados os noventa minutos, sentia-me algo «fresco».

«Penso que tal facto foi consequência de nunca ter abandonado os treinos e ter dado regular assistência às sessões de ginástica».

Novo arranjo na equipa nacional. Um nome! Daniel!

Eis o que ouvimos:

— Há de facto muitos elementos que, com uma preparação cuidada e

intensa, poderiam ser integrados na selecção nacional. Para não me alongar, basta que lhe cite, Daniel Duarte Silva, médio-ala do Sporting Clube de Braga, que não é só excelente neste lugar, como também é brilhante e consciencioso a médio centro. Affirmo-lhe, convictamente, que este «rapaz» é um «grande» jogador e não deixaria mal colocado, quem dele se lembrasse.

Porque Cardoso, mudara de entoação ao proferir os vocabúlos preparação cuidada e intensa, pedimos-lhe para nos revelar o seu pensamento.

A preparação a seguir

Acedeu formulando esta pergunta:

— Porque não se segue o mesmo critério de preparação, levado a efeito a quando do encontro Exército Português — R. A. F.? Para este jogo, devo esclarecê-lo, todos os jogadores estiveram mobilizados, porque se tratava de uma representação nacional.

«Se os desafios com a França, Espanha, Irlanda, Suíça, etc., também são de representação do país, porque não se mobilizam os atletas, com vista a uma preparação mais cuidada?»

— Quando lhe falei em preparação intensiva, queria dizer, levar os jogadores a «viverem» única e exclusivamente para a luta.

De chofer, disparámos-lhe esta interrogativa: Pensa em abandonar o futebol?

Cardoso, fitou-nos com curiosidade. Sorriu irónicamente... e, depois, exclamou:

— Arrumarei as botas logo que se reconheça já não ser útil ao meu clube. Espero fazê-lo, espontaneamente, sem aguardar que me indiquem o caminho... Depois, é quase certo que passe a ser jogador de «bancada», arranchando à «má língua»...
PITTA CASTELEJO



Cardoso volta a ser o capitão do Sporting! El-lo, nas suas fôças, ao regressar, no desafio contra o Sporting de Braga, volta a um novo empenhamento.



ENTRE tantos jogadores de futebol que dão o seu concurso à expansão da modalidade, uns com notoriedade e posição de prestígio, outros aguardando que a pertinência com que treinam, no intuito de aperfeiçoarem as qualidades natas, lhe dêem, mais tarde, o relevo e lugar destacado a que se julgam com inegável direito, outros, ainda, que não passam de bons «cobretros», áteis cooperadores do conjunto imprescindível numa equipa, mas que reconhecem tacitamente que os seus anseios têm que ser comedidos e limitados, entre todos estes atletas, — repetimos, — há alguns, de entre os do primeiro plano, que ocupam lugar proeminente, pelas qualidades que exornam a sua personalidade, exercendo vinculado ascendente sobre os companheiros, que de bom grado, fomos a dizer, com satisfação, aceitamos os seus conselhos e acatamos as suas ordens.

O lugar de capitão é espinhoso e delicado!

Para o seu desempenho, regra geral, é escolhido um jogador de prestígio, com cerebração lúcida, que lhe permita orientar de forma mais aconselhável a actuação da sua turma, em relação ao jogo da equipa adversária.

Após o seu esforçado afastamento das competições, o «capitão» sportinguista voltou a ocupar, na sua equipa o posto de defesa direito ou lateral.

Entendemos ser oportuna, uma conversa com o prestigioso atleta, que tendo no seu activo 13 internacionalizações, por 10 vezes assumiu a chefia da equipa nacional.

— Mas que tenho eu para contar, que mereça interesse?

— Há sempre coisas novas,

O desporto do remo em 1947

As provas regionais e nacionais e a nossa actividade internacional



Os srs. comandante Soares de Oliveira e dr. Calixto Pereira, observam os planos que marcam o local da pista em projecto

A CABA de ser distribuído pela Federação Portuguesa de Remo o seu relatório e Contas — um volume bem cuidado e elucidativo acerca da actividade e dos mais importantes aspectos do remo nacional durante o corrente ano, que foi invulgarmente activo oferecendo-nos não só a efectivação das provas constantes do calendário oficial como as actuações brilhantes dos remadores portugueses nos dois importantes contactos internacionais: o Campeonato Peninsular e a representação nos Campeonatos da Europa.

A modalidade, influenciada pela acção dedicada da sua comissão dirigente, viveu uma época magnífica, valorizada ainda pelas realizações de grande vulto como a I Conferência Nacional do Remo, iniciativa da qual haveria a esperar úteis benefícios para a propagação e desenvolvimento do belo desporto do remo em Portugal.

Os documentos, as exposições e as ideias claras então divulgadas, e não se perderam por certo. Oxalá sejam aproveitadas e não se renuncie ao interesse de realizações como a Conferência do Remo.

Publicou-se o Anuário do Remo, repositório valioso de toda a história e actividade deste desporto, atestando a orientação intelectual que, a par da técnica, a Federação imprimiu aos seus actos.

Depois, a honrosa presença no Congresso da Federação Internacional, na Suíça, onde Portugal foi devidamente apreciado e acarinhado conquistando palavras e homenagens de forma a ser elogiado o seu desporto e a ser admitida a possibilidade de Portugal organizar os Campeonatos da Europa.

Provas regionais e nacionais — — A pista de remo

No capítulo de provas desportivas continuou a verificar-se a ausência de organizações partilhadas, empreendimentos que valorizam sempre imenso a actividade e a propagação de uma modalidade desportiva.

Quanto a provas regionais, registou-se no Norte o interesse dos clubes do Porto. Caminha e Viana do Castelo alhearam-se um tanto das provas.

Na região do Centro a época decorreu normalmente. O Galitos de Aveiro tomou parte acentuada nas provas comprovando com a sua numerosa deslocação à Figueira da Foz o interesse que o animou. Na Figueira, dois clubes locais lutaram quanto puderam.

No Sul, a Associação e o Clube Naval deram ainda a melhor contribuição para animar o belo e útil desporto. Mas registou-se a actividade do Desportivo da C. P. e a frota do Naval Setobalense.

Os Campeonatos Nacionais deste ano tiveram uma concorrência de tripulações fora do vulgar, tomando vulto o duelo entre aveirenses e caminhenses, dois núcleos que ainda este ano voltaram a acasar excelente supremacia sobre os outros centros de remo do país.

Estes Campeonatos de 1947 valorizaram-se por servirem como prova de selecção para a nossa representação no Campeonato da Europa. Assim, tentou-se mais uma vez encontrar uma pista de águas paradas. Falhada a primeira tentativa, em 1946, quanto à Albufeira do Ermal, no distrito de Braga, surgiu logo no começo do ano a cidade das Caldas da Rainha com a sua formosa lagoa de Obidos, que foi aceita depois do exame hidrográfico verificando-se a existência de fundos regulares de três metros, em toda a extensão da pista.

Nas nesses dias das provas, rodeados de uma organização perfectíssima e entusiástica por parte do Município das Caldas e da sua Comissão de Turismo, um vento excessivo e fora do normal, prejudicou as regatas.

No entanto, subsistem as condições do local visto estar de pé o projecto das entidades locais em traçarem a pista no devido local — mais ao norte, que permitiria melhor abrigo das nortadas e a proximidade da terra.

Provas Internacionais

O Campeonato Peninsular este ano disputado em Lisboa, no cenário magnífico do Tejo, não conseguiu mesmo assim despertar o favor da multidão. E o espectáculo suggestionava... Havendo vários pormenores de organização a rectificar...

As regatas entre portuguesas e espanholas foram renhidas e excelente a vitória dos remadores do Sporting Caminhense e do Clube dos Galitos de Aveiro. Estas vitórias confirmaram o pro-

ficuo trabalho desenvolvido pelos dois clubes na preparação dos seus atletas.

A prova de «skiff» tinha um representante ainda pouco experiente. No entanto o seu espírito desportivo deu-lhe comportamento honroso.

Quanto ao Campeonato da Europa, Fernando Barbedo, Humberto Barros e José António Diogo, técnicos competentíssimos que se deslocaaram à Saíça, apresentam no Relatório as suas impressões.

— A representação nacional — afirmou — excedeu e foi muito além do que esperávamos. Não devemos ter por isso vaidade, nem nos convencer de que o que está, está bem. Não! O resultado foi bom, mas podemos melhorar e muito.

Os nossos representantes brilharam pelo seu valor combativo, pléticos de energia e de vontade, não lhes faltou disciplina, nem material, nem valor físico, faltou-lhes como remadores conhecimentos mais esmerados da arte de remar; como equipas, faltou-lhes pormenor de trabalho, tática, conjunto e comando.

— Em conclusões — diz o sr. Francisco Duarte, delegado da Federação Portuguesa no Congresso Internacional do Remo — ficou demonstrado que os remadores do Sporting Clube Caminhense se apresentaram bem preparados quanto a folego, resistência e força e que o método adoptado para os fazer obter tão imprescindíveis qualidades é perfeito, devendo prevalecer.

Uma época de actividade magnífica e o desfecho de um incidente

Por tudo, esta época de remo em 1947 foi de excelente activi-

dade, valorizada ainda pelo que se pensa e realiza em matéria de propagação actual e futura deste desporto. E' o caso do projecto de obras e construção de novas sedes dos clubes, assunto que merece grande interesse e cuja detalhada exposição foi entregue ao sr. Ministro das Obras Públicas.

Outro pormenor importante: a vinda a Portugal de um treinador que reunisse as condições necessárias para bem preparar os nossos remadores. E de facto parece confirmar-se a vinda do campeão Dreylers.

Mas toda esta actividade — e é inegável toda ela subordinada a um bellissimo espirito de dedicação desportiva demonstrada pelos dirigentes da Federação — parece terminar repentinamente, ficando em projecto várias iniciativas de grande utilidade. E' o caso de, em face do incidente verificado com o Galitos de Aveiro, quando da prova de selecção para os Campeonatos da Europa, factos que são largamente expostos e documentados no presente relatório, a actual direcção manter em definitivo o seu afastamento, escusando-se todos os seus elementos a uma possível recondução. E' de lamentar que assim suceda!

Parece-nos ainda justo, sem melindre para quantos os ajudaram nessa campanha entusiástica, destacar o sr. comandante Soares de Oliveira e Frederico Cruz, João Santos J.^o e Saúl Ferreira Pires, pelo seu trabalho, intenso e dedicado, a quem se fica devendo alguma coisa de muito útil e importante no remo nacional, especialmente ao incansável esforço dos srs. comandante Soares de Oliveira e João Santos J.^o.

Fernando Sá



Os remadores de Aveiro e Caminha confraternizam, após a disputa dos Campeonatos Nacionais na lagoa de Obidos

Comentarios

A maior proeza de 1947

Dentro de um ano particularmente rico em acontecimentos notáveis, como foi para o desporto português o de 1947, pode não ser tarefa fácil apontar como segurança qual a maior proeza realizada pelos desportistas nacionais.

No caso particular que temos em vista, o espírito, através de todas as dificuldades, vai no entanto directamente escolher uma vitória que realça pelo seu maior significado: aquela que os portugueses alcançaram no Campeonato do Mundo de oquei em patins, com destaque brilhantíssimo e afirmando uma supremacia que nada ficou devendo aos favores da sorte. Esta foi, sem dúvida, a maior proeza dos desportistas nacionais em 1947.

No entanto, para uma grande percentagem dos adeptos do desporto em Portugal, o ano que findou será, sobretudo, o ano em que balemos a Espanha em futebol, alcançando o mais grato de todos os triunfos, aquele que há tanto tempo buscávamos em vão. É outro critério aceitável, embora ditado mais pela paixão do que pelo raciocínio.

Mas não ficam por aqui, os grandes êxitos de 1947; podemos ainda considerar como tal a organização em Lisboa do congresso europeu de ginástica, que tanto prestígio trouxe perante professores e técnicos vindos de diversos países estrangeiros, a educação física nacional; e não colocamos em plano paralelo o campeonato mundial de esgrima, apenas porque foi apagado o papel desempenhado pelos nossos aliradores.

Seria injustiça não referir ainda, entre os maiores feitos do ano, os novos recordes de saltos estabelecidos por Alvaro Dias e João Vieira, que se contam entre as dez melhores marcas da época no Mundo inteiro.

Adicionemos toda a nossa restante e basta actividade internacional: vela e remo, andebol e basquetebol, oquei em campo e ciclismo, ténis de mesa, «golf», tiro aos pombos, etc., e talvez se chegue à conclusão de achar preferível não especificar e aplaudir principalmente o desporto português, pela sua firme expansão, pelo progresso manifestado tão ecléticamente, sempre com brio, honra e prestígio.

O primeiro profissional em Espanha

A propósito da inauguração do novo campo do Real Madrid, que marca uma nova etapa na evolução do meio futebolístico espanhol, vimos recordado alguns um episódio curioso da vida do grande clube madrileno e que assinala também uma viragem

decisiva na evolução do jogo da bola no país vizinho e irmão.

Em 1926, compenetrados da necessidade de tornar oficial uma situação que se maninha encafolada e à qual era impossível pôr termo pela força das próprias circunstâncias em que medrava, os dirigentes do Real Madrid, decidiram firmar contrato como jogador profissional com o famoso médio do Arenas, José Maria Peña.

O caso teve enorme retumbância e deu motivo a severas críticas, acusando-se o clube de «capitalista» porque dera 17.000 pesetas pela assinatura da ficha e porque esse procedimento se considerava como a sentença de morte ditada para os clubes modestos.

Afinal, o exemplo frutificou e o que então pareceu quantia fabulosa, hoje apenas poderia surpreender pela modestia.

Se pensarmos que Peña veio

para o Madrid no auge da glória, tendo já vestido treze vezes a camisola vermelha da equipa nacional, e se transpuzermos para a actualidade a sua transferência, haveria que multiplicar por cincoenta ou por cem a verba então recebida para chegar aos limites da verdade.

Profunda evolução se produziu nestes vinte anos, no mercado do futebol espanhol; quando pensar no seu passado, José Maria Peña deve lamentar com os seus bolões ter nascido tão cedo.

Os melhores resultados portugueses em provas de estafeta

4 x 100 metros: 44,3 s., Equipa Nacional (Tamegão, C. Mendonça, Nuncio, Paqueta), 27-7-46; 43,7 s., S. L. Benfica (Paqueta,

F. Ferreira, Eleutério, M. Raposo), 28-7-45; 43,8 s., Sporting (Alv. Dias, Abrunhosa, Nuncio, Lourenço), 26-8-44; Benfica (Paula Brito, Matos Fernandes, Eleutério, Paqueta), 27-7-47; e os mesmos com F. Ferreira no lugar de Matos Fernandes, em 24-8-47.

4 x 200 metros: 1 m. 32,2 s., Sporting (Canhão, Jacinto, Myre, Dorez e N. Morais), 20-7-47; 1 m. 32,6 s., Benfica (Eleutério, Borges, Paqueta, Matos Fernandes) na mesma data; 1 m. 33,4 s., Sporting (Lourenço, Artur Dias, Jacinto, Nuncio), 19-8-45; 1 m. 33,6 s., Sporting (Alves Pereira, Rendas, Neves Carvalho, Cunha Rosa), 18-7-37; 1 m. 33,8 s., Sporting (M. Mendes, Lourenço, A. Dias, Nuncio), em 8-7-45.

4 x 400 metros: 3 m. 27,6 s., Equipa Nacional (Canhão, Artur Dias, Matos Fernandes, Sampaio Peixoto) 6-9-47; 3 m. 28,8 s., Equipa Nacional (Jacinto, Sampaio Peixoto, Vicente, Matos Fernandes) 16-9-45; 3 m. 31,2 s., Sporting (Jacinto, Canhão, Vicente, Artur Dias), 7-7-46 e Equipa Nacional (Jacinto, Canhão, A. Dias, M. Fernandes), 28-7-46; 3 m. 32,9 s., Sporting (Jacinto, F. Bastos, Vicente, A. Dias), 24-6-45.

S. C.

OQUEI EM PATINS

Balço de uma época de actividade intensa

e largo na caminhada para a sua glorificação. Tudo certo. E ainda bem — porque nos aprás registar o facto.

O ano de 1947 não mais esquecerá na história do desporto lusitano! Ganhou-se um campeonato da Europa e outro do Mundo. E também se conquistou o primeiro triunfo internacional da modalidade no estrangeiro.

Foi no oquei em patins?! Mas se é o desporto português que se deve festejar... Quanto à patinagem (corridas à parte) fez-se pouco — para melhor conhecimento de possibilidades dos praticantes.

Parece-nos chegada a ocasião de «entrar a fundo» no assunto... Neste ponto, porém, justo é salientar que nalgumas organizações de campeonato se integraram demonstrações de figuras da

patinagem artística com danças à mistura. Dir-se-á não ter sido o suficiente — mas foi já um incentivo. É o meio-caminho andado para cometimentos futuros de maior vulto e projecção na difícil modalidade — ainda infelizmente embrionária entre nós. Com vontade e persistência se há-de chegar a plano mais vasto. Estamos crentes nisso — porque nem sequer escasseiam vocações aproveitáveis.

Como um balanço de época não pode fazer-se num simples artigo, dado que se torna necessário rememorar acontecimentos, convém estabelecer um plano de trabalho: começaremos, pois, no próximo artigo, por apreciar a acção dos clubes nacionais nas suas relações com estrangeiros; depois, os campeonatos de Lisboa e do Porto, em síntese; seguidamente, o trabalho dos juniores, as partidas entre regiões, o torneio principal, as provas de iniciativa particular, e, por último, a referência natural às corridas e demonstrações isoladas de patinagem.

Tudo isto reunido (numa sucessão de artigos sobre cada um dos «casos» apontados) dará certamente aquilo que pretendemos: — Balço de uma época de actividade intensa.

Jorge Monteiro

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 > >	65\$00
12 > >	130\$00

O oquei em patins — que teve uma época inteira de triunfos — marcou destarte um passo firme

SETUBAL venceu o PORTO

Fotos MANIQUE



Sanfins que apareceu a extremo direito, procura centrar em bom estilo, antes da intervenção da defesa setubalense



Os setubalenses atacam em massa. Barrigana está afastado e queixa-se. O mesmo acontece com Alfredo, de braços em cruz



Barrigana está suspenso por alguns jogadores da sua equipa e do próprio adversário. A bola está na rede, mas por cima...



Barrigana teve muito que fazer, em Setúbal. Eis uma das suas defesas, rodeado por Guilha, Carvalho, Alfredo e Cardoso Pereira



A ACADÉMICA venceu o LUSITANO

Algumas fases do jogo que os estudantes ganharam em Coimbra ao Lusitano de Vila Real de Santo António. A' esquerda, em cima vê-se Balbino, guarda-rede suplente algarvio, defender um remate de Ataz. Em baixo, o mesmo guarda-rede lança-se arrojadamente aos pés do adversário, evitando que a bola passe para as redes. A' direita um excelente salto de Bentes, que não conseguiu, entretanto, desfazer o guarda-rede do Lusitano



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

RUGBY

Na França e na Inglaterra

Realizou-se em Paris, no dia 28 de Dezembro, um desafio de rugby entre uma selecção nacional (18 jogadores) e um team da Nova Zelândia. Estes últimos conseguiram triunfar por 11 pontos a 7.

Também, em Marselha, a selecção B francesa ganhou por 37 pontos a 7 ao British Combined Services (15 jogadores).

Em Inglaterra, o jogo mais importante da semana travou-se entre os conhecidos grupos londrinos Harbquins e Richmond, cabendo a vitória a estes últimos por 12 pontos a 3.

FUTEBOL

Em Inglaterra

Muita água levará o rio Tamisa, desde o primeiro dia de Janeiro até ao dia um de Maio, quando se encerra a época do futebol, e outrotanto podemos augurar acerca das surpresas que aguardam os clubes divisionários.

Encontramo-nos a meio da prova denominada Campeonato da Liga, portanto cedo de mais para fazer previsões; todavia é possível garantir — aparentemente, é claro — que tanto o Birmingham, leader da 2.ª Divisão, como o Queen's Park Rangers deverão ascender ao grupo divisionário superior.

Qualquer destes clubes leva substancial vantagem de pontos. O primeiro, tem cinco sobre o West Bromwich Albion, cuja posição é disputada por meia dúzia de colegas; o segundo, leva seis ao seu imediato perseguidor.

O Arsenal revelou melhoria de forma, embora saísse batido pela segunda vez nesta época. Foi o Liverpool, vencedor em 1937, que conseguiu esse resultado em Highbury por 2-1. No dia de Natal, os mesmos clubes haviam batalhado em Anfield, ganhando os londrinos «fora de casa».

Os arsenalistas conservam-se à cabeça da classificação, por ora, ao cabo de 23 jogos, com três pontos de superioridade sobre o Burnley e cinco sobre o Preston N. End, terceiro da lista. No dia de Ano Novo jogaram contra o Bolton e quarenta e oito horas mais tarde enfrentaram o Sheffield United, um adversário um tanto escorregadio. Na hipótese de se livrar destes escolhos o Arsenal pode aspirar ao primeiro posto por muito tempo.

O Derby County encontra-se em franco ressurgimento e pode ameaçar os arsenalistas. Marcou nove tentos nos dois jogos com o Blackburn Rovers. Vai em quarta posição, a sete pontos do leader.

Os Wolves também se mostraram em boa forma, batendo Aston Villa, duas vezes consecutivas, e instalando-se no quinto lugar, a 1 ponto de diferença do Derby.

Na cauda da classificação lutam com desespero três clubes: Grimsby Town, Blackburn e Bolton. O Stoke City, com um empate e uma vitória sobre o Blackpool livrou-se de apuros, parecendo que o perigo foi afastado de vez.

O Manchester United, agora liberto de preocupações de baixa divisionária, mas longe de poder aspirar ao primeiro ponto, parece resolvido a bater-se pela con-

NOTA DA SEMANA

ESTA já concluído o campeonato sul-americano de futebol, torneio inter-nações que não tem paralelo ou equivalente na Europa — por enquanto, já se vê, e por motivos da política europeia actual.

Triunfou justamente a Argentina. Só no último desafio, entre os dois países eternamente rivais — os uruguaios e os argentinos mantêm um desquite solene desde há um quarto de século — ficou assente se a vitória caberia aos representantes da margem direita se aos da margem esquerda do Rio Plata.

O jogo, como é uso e costume, produziu enorme ansiedade nos dois povos, principalmente no povo das capitais: Buenos Aires e Montevideo.

Os cafés, regorgitando de fregueses, ouviram a descrição dos locutores transmitida desde Guayaquil, no meio do maior silêncio. Famílias inteiras se reuniram em casa, cercando os receptores de radiotelefonía, e vibraram com o importante acontecimento. Até os condutores de taxímetros e dos transportes públicos suspenderam a marcha dos veículos para indagar quem estava por cima do marcador.

No grupo da Argentina alinhou o famoso Pontoni, como avançado-centro e após 31 minutos de excelentes jogadas, o interior-direito, Méndez, marcou o primeiro ponto. A luta equilibrou-se, em seguida, até ao intervalo.

No segundo tempo os argentinos lançaram-se logo ao ataque. Consumido o primeiro minuto, foi Méndez quem obteve o segundo golo, e só volvida meia hora conseguiram os uruguaios marcar graças ao ponta direita, Brito. O match prosseguiu depois, muito nivelado e muito difícil para ambos os grupos, embora os argentinos se revelassem mais empreendedores.

Faltavam uns escassos segundos para o apito final quando o extremo-esquerdo dos argentinos, Lostau, enfiou a bola outra vez entre os dois postes defendidos por Tulio, elevando desta maneira o marcador para 3-1 que veio a ser o resultado do match.

A Argentina conquistou por este modo a cobiçada «Taça América», que simboliza a supremacia do país sul-americano dentro do retângulo relvado do jogo da bola, pelo espaço de um ano.

Foi este, sem dúvida, o acontecimento da semana com maior projecção internacional.

R. B.

quista da Taça. Será, ao fim e ao cabo, a única compensação moral que usufruirá, o Condado de Lancastre se o Bolton e Blackburn baixarem de divisão.

Na 2.ª, além do leader, Birmingham, destacou-se para obter o segundo posto e, com ele, a promoção à 1.ª Divisão três clubes: Newcastle, West Bromwich Albion e Sheffield Wednesday.

Os rapazes de Newcastle têm de si os de Bromwich e a seguir o Luton enquanto que os de Sheffield, vencedores de Tottenham Hotspurs duas vezes consecutivas, surpreenderam os seus partidários agradavelmente.

O Brentford, batendo Leicester, melhorou de posição e subiu ao 20.º lugar, safando-se do lugar da cauda.

Durante esta quadra festiva Natal-Ano Novo efectuaram-se

86 desafios da Liga que foram presenciados por 2.115.340 espectadores. A receita recolhida accou-se de 175.000 libras, quantia que por si só bastaria para elevar o futebol a um grau de importância social sem paralelo na Inglaterra.

O Campeonato Sul-Americano

A Argentina venceu o torneio sul-americano de futebol, depois de derrotar por 3 bolas a 1 os seus rivais uruguaios no derradeiro desafio da competição.

O Uruguai ficou classificado em 2.º lugar, seguido do Paraguai e do Chile.

O Brasil, como se sabe, não concorreu.

ATLETISMO

Um novo ás do meio-fundo

Chegou a Inglaterra, procedente da Austrália, um futuro concorrente aos Jogos Olímpicos de 1948. Chama-se Douglas Harris e é natural da Nova Zelândia. Este magnífico exemplar de humanidade já correu a meia-milha (804 metros) em 1 m. 49,4 s. o que significa 1 m. 48,7 s. na distância clássica dos 800 metros, ou seja o melhor resultado efectuado em 1947 nesta prova.

As «Ligas» em Espanha

Valência à frente

Prosseguiu no domingo o campeonato da 1 Liga em Espanha, de que continua «leader» o Valência. A não ser o Tarragona, que se deixou surpreender pelo Sabadell, e o Oviedo, que consentiu um empate ao Barcelona, todos os «visitados» saíram da jornada vitoriosos. Das três marcas de cinco golos, a mais expressiva foi alcançada pelo Bilbao, que ficou sem resposta do Celta de Vigo.

Eis os resultados:

A. Madrid...	5	—	Sevilha...	3
Espanhol...	5	—	Gijón...	1
A. Bilbao...	5	—	Celta...	0
Valencia...	2	—	R. Sociedad...	1
Oviedo...	2	—	Barcelona...	2
Alcoyano...	2	—	R. Madrid...	1
Tarragona...	0	—	Sabadell...	1

Também na segunda liga se deu começo, com os jogos de domingo, à segunda volta do Campeonato, sendo os seguintes resultados apurados:

Malaga...	2	—	Hercules...	2
Badalona...	5	—	Cordova...	2
Murcia...	3	—	Levante...	0
Castellón...	4	—	Granada...	0
Corunha...	5	—	Maiorca...	0
Valladolid...	2	—	Ferrol...	0

Como se vê, só o Malaga não saiu vitorioso dos clubes «visitados». Assinala-se o triunfo do Cordova, pela expressividade.

MOSAICOS nortenhos...

A POSIÇÃO DO ACADEMICO

O Académico, em boa verdade, não possui equipa categorizada. Isso se prova pela sua classificação no campeonato nacional da 2.ª Divisão e, por certo, a sua atitude em Viana do Castelo reflecte um estado de espirito bem aborrecido.

Sofreu-lhe o clube do Lima as consequências: — o castigo a 10 jogadores com 4 desafios e a um outro com 2, além de uma multa de 500\$00 ao clube. É preciso arripiar caminho. O clube do Lima não está em época feliz.

TEREMOS O GINÁSIO CLUBE NO PORTO?

Segundo uma notícia de boa origem, exibir-se-ão no Coliseu do Porto, em 29 de Janeiro corrente, as classes de homens e senhoras do Ginásio Clube Português. A receita deste sarau revertirá a favor das famílias das vítimas dos últimos temporais.

A vista do prestigioso Ginásio Clube, a tornar-se efectiva, deverá ser recebida com muito agrado pelos desportistas portuenses.

CONFIRMAM-SE AS ALTERA- ÇÕES NO F. C. DO PORTO

Dissemos no último número da nossa Revista que a linha avançada do F. C. do Porto iria sofrer alterações. Poucos dias esperaram os amadores do futebol. Do ataque apresentado pelo F. C. P. contra o Benfica apenas ficaram dois homens: Araújo e Correia Dias. Reapareceram António Ferreira, posto que ainda combalido, e Angelo. Para extremo-direito foi Freitas, que alinhava de vez em quando no posto de interior esquerdo.

Ainda deve faltar qualquer coisa...

MUITA PARRA E POUCA UVA...

Foram convidados para treino de selecção; Barrigana, Carvalho, Araújo, Armando e Serafim. Fazem votos os portuenses, e talvez tenham razão, para que nenhum seja escolhido para a efectividade. Pois para quê? Todos os demais são os melhores do mundo, os melhores de Portugal, como se vai anunciando nos jornais especializados, e sempre será bom oferecer-lhes a oportunidade de tirar a contra-prova.

Em resumo: — o Porto não está interessado nos jogos «internacionais»!

PARABENS AO

DR. ARMANDO SAMPAIO

Há dias, na «Voz Desportiva», de Coimbra, o dr. Armando Sampaio levantou a luvá! Assim mesmo. Isto de alguns locutores se esquecerem do lugar que ocupam para menosprezar

na capital do NORTE

E as categorias inferiores?

JA não é a primeira vez que falamos no assunto. Os portuenses liberam esta época um campeonato regional (?) fraquissimo, sem sabor desportivo de qualquer natureza, e não se sabe que nome foi dado a uma prova de Reservas que precedia o jogo principal. Segundas categorias — não existiram.

Concluído o campeonato, se assim pode chamar-se ao que vimos, deu-se principio ao Nacional, sem demonstrarem os grupos a preparação necessária para uma prova rija. E de categorias inferiores continuou a não se falar.

Enquanto Lisboa fez jogar reservas e segundas categorias, em duas voltas, o Porto conservou-se mudo e quedo. Agora, a capital faz disputar a «Taça Cosme Damião», entre clubes da 2.ª e 3.ª Divisão nacional e as Reservas dos grandes lisboetas. E os clubes do Porto continuam... de férias.

Não haverá no Porto entidade que tenha o dever de se interessar por estas coisas, além dos próprios clubes com obrigação de manter as suas equipas em forma? Ou não terá o Porto nome próprio para um título de prova ou campeonato, como quiseram chamar-lhe?

Julgamos que não estará certo isto. O Porto sentirá mais tarde as dificuldades criadas por ele próprio. Em Lisboa já se apresentam infantis. O Porto, que tem tradições, que deslumbra os visitantes com os seus meitidos — assiste agora ao trabalho dos outros...

Não está bem. As entidades dirigentes tem responsabilidades e a elas nos dirigimos na esperança de ver corrigida uma acção nefasta ao progresso do futebol portuense e nacional.

CURIOSIDADES...

O ataque apresentado pelo Porto, contra a Académica, ainda não correspondeu. O facto de marcar 7 tentos não diz absolutamente nada...

♦ A vitória do Leixões sobre o Vila Real foi comentada favoravelmente. Os próprios desportistas «da cidade» não esconderam o seu regozijo.

o valor da Província, merece a repulsa dos desportistas imparciais. Esquecer que Francisco Ferreira, Julinho, António Maria, Mário Reis, Azevedo, Vasques, Arsénio, Moreira, Cruz, Cardoso, Nunes, Pereira, Soeiro, Capela, Canário e tantos, tantos outros, saíram de 1.ª categoria para Lisboa, é prestar um mau Serviço à Verdade.

E se outros, sr. Dr. Armando Sampaio, não tem saído para Lisboa, Deus sabe quanto isso custa, não é verdade? Sinceros parabens, porque a Província sente essa e outras alusões erradas da rádio (embora com excepções honrosas) felizmente.

♦ Continua a pensar-se em nova gerência para o F. C. do Porto. E' firmê o propósito da actual Direcção se retirar definitivamente.

♦ Está para breve uma notícia de sensação. Com ela devem vibrar muitissimo os desportistas do Porto. Num dos próximos números faremos a devida referência.

♦ Araújo é sempre a vítima dos seus adversários. Contra a Académica, saiu do campo magoado. Aconteceu o mesmo a Angelo. Sem estes dois jogadores partiu a equipa para Setúbal. Ora, como a linha avançada já não é famosa, sem Araújo ficou irremediavelmente condenada! Não surpreende a vitória setubalense, embora com 2-0 pudesse fazer melhor...

MOSAICOS nortenhos...

A MÁ SORTE DO BOAVISTA

O Boavista entrou na prova com o pé direito, sem dúvida alguma. Mas breve se desmantelou. Há pouco tempo, perdeu no seu campo com o Estoril Praia. E, também recentemente, deixou-se derrotar pelo Elvas de maneira algo estrondosa — embora no campo da cidade fronteiriça.

Francamente: — achamos que o Boavista tem obrigação de fazer um pouco melhor. A equipa, fora de casa, deixa-se anular demasiadamente.

DIAS DOS SANTOS GANHOUM UM «CROSS» CICLO-PEDESTRE

No dia de Ano Bom, por iniciativa do Boavista Futebol Clube, realizou-se no Palácio de Cristal uma prova de «cross» ciclo-pedestre, tendo ganho Dias dos Santos, do F. C. do Porto, que deixou Império dos Santos, do Benfica, em 2.º lugar.

E já que falamos em ciclismo, anuncie-se que Fernando Jorge Moreira, do F. C. do Porto, prepara as malas para ir de longada até o Brasil. O conhecido campeão tratará na Pátria-irmã de negócios particulares e, ao mesmo tempo, tomará parte em várias provas.

Oxalá seja feliz — e boa viagem.

FERNANDO CASTRO VOLTA A INTERESSAR-SE PELO VOLEIBOL

O voleibol, dentro do F. C. do Porto, deve muito ao aqoreano Fernando Castro, que por motivos de saúde foi forçado a abandonar as suas ocupações. Mas, segundo nos dizem agora, Fernando de Castro volta a dirigir esta secção no popular clube norteuho.

Também se diz que Elói Costa Pereira, conhecido atleta, voltará ao «team» de voleibol, uma vez aprovada a sua transferência para o F. C. do Porto.

O voleibol portuense precisa de progredir, o que até aqui não tem sucedido. Pode ser que assim aconteça agora com o regresso dos dois desportistas.



Boavista - Vitória (G.) 2-2 Uma esforçada ofensiva do Boavista, à direita, é concluída por Caiado 2.º, mas sem êxito, dada a vigilância dos defesas adversários; à esquerda, Santiago defende uma bola rematada por Franklyn



S. C. Braga-Estovril, 5-2

Raul Silva está com os olhos postos numa bola que ele mesmo rematou à baliza. Sem perigo. Na jogada seguinte, Vieira procura dominar Daniel, sem o conseguir

Olhanense-Elvas, 2-2

Em cima, os algarvios conseguem um tento e manifestam a sua alegria; em baixo, o ataque algarvio está em acção. Tanto os algarvios como os alentejanos jogaram com decidida vontade



Fotografias do Novo Estádio da Castelhana, do Real Madrid, onde se jogará o Espanha-Portugal em 21 de Março, com lotação para 75.000 pessoas, susceptível de ser aumentado, como se vai fazer. Reproduzimos uma fase do recente encontro Real Madrid-A. de Bilbao, ganho por aquele clube por 5-1 e um aspecto de Chamartin. — (Fotos Efe)